

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rômulo



## A literatura vai ao cinema

Como os livros ajudaram  
a formar o imaginário  
cinematográfico brasileiro

## EDITORIAL

A relação entre literatura e cinema é quase tão antiga quanto a sétima arte. Em comum, as duas atividades têm em seu cerne a vocação para contar histórias, e este talvez seja o ponto de convergência que as atrai. Mais antiga, a literatura tem sido uma fonte inesgotável de temas e histórias desde que os irmãos Lumière botaram para funcionar o seu cinematógrafo, em fins do século XIX.

Dessa relação, que ao longo da história encontrou muitos percalços, originaram-se obras-primas que se enraizaram no imaginário popular. Com o cinema brasileiro não foi diferente. A presença de adaptações em nossa cinematografia sempre foi marcante. Esta edição do **Cândido** busca discutir de que forma se deu essa relação ao longo do último século e o que dela resultou. Daí a presença de matérias e textos críticos que falam sobre as adaptações de obras de Nelson Rodrigues e Jorge Amado — dois dos escritores brasileiros com maior presença em nosso cinema —, sobre clássicos da literatura — nacional e paranaense — levados ao cinema, além de reportagem que resgata a história de grandes romancistas que escreveram roteiros.

O número 14 do **Cândido** ainda traz depoimento de Lourenço Mutarelli, que participou do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em junho, além de texto de Nilma Lacerda sobre o papel das bibliotecas hoje, na seção “Livro e Leitura”. Entre os inéditos, destaque para dois experientes autores paranaenses. A contista Luci Collin discute a Curitiba contemporânea por meio de sua prosa experimental na seção “Em busca de Curitiba”; já Thadeu Wojciechowski, um dos poetas mais carismáticos do Paraná, aparece com o poema “enquanto é tempo”.

Boa leitura.

## HUMOR

BRUNO SCHIER



*Droga! Nunca lembro onde deixei a borracha.*

## CARTAS

Olá, o jornal **Cândido** está cada vez melhor! A última edição estava realmente muito boa, principalmente a matéria de capa. É incrível como a literatura muda a nossa forma de observar a vida. Demorei muito para adentrar nesse universo, mas agora não quero sair jamais. Parabéns para toda a equipe!

**Paula Moreira** – Via email

Adorei a matéria sobre coleções de livros [*Cantadas, vagalumes e outros passos*, da 13ª edição do **Cândido**]. O autor do texto resgatou livros que fizeram parte da minha formação como leitor. Tenho até hoje os livros da “*Cantadas Literárias*”, em especial o *Tanto faz*, do grande Reinaldo Moraes.

**José S. de Carvalho** – Via e-mail.



## EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

## Coordenação Editorial

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

## Redação

Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Márcio Renato dos Santos e Omar Godoy

## Fotografia

Kraw Penas

## Projeto gráfico e diagramação

Versão Design

## Colaboradores desta edição:

Antônio Thadeu Wojciechowski, Bruno Schier, Cláudia Rodrigues, Diego Gerlach, DW Ribatski, Fernando Severo, Iuri de Sá, Javier Arancibia Contreras, Luci Collin, Marciel Conrado, Nilma Lacerda, Rita Solieri, Rômolo e Theo Szczepanski.

## Redação

imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

## BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba - PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## BIBLIOTECA AFETIVA

A história é meio maluca, mas acho que vale a pena contar. Por influência de um querido amigo de Belém do Pará, comecei a gostar dos contos de Caio Fernando Abreu. Logo me apaixonei também pelas crônicas do volume *Pequenas epifanias*. E acho que acabei vivendo uma delas certo dia de 2003: morando em Paris como estudante, fuçava um balaio de livros usados quando me deparei com a edição francesa do único romance que Caio F. escreveu, e eu já adorava, *Onde andarã Dulce Veiga?*. Custava 3 euros – dava pra encarar, pensei – e, feliz, me dirigi ao caixa já folheando o volume quando, dentro, encontro uma carta manuscrita. Uma carta comum (vou evitar expor, aqui, a intimidade do autor desconhecido), mas com um detalhe intrigante: datada de 3 de junho, meu aniversário! O livro virou, mais do que nunca, de cabeceira.

**Christian Schwartz** é tradutor e professor da Universidade Positivo (UP). Vive em Curitiba (PR).

Kraw Penas



As primeiras leituras que me interessaram foram da coleção “Para gostar de ler”, que chegou até mim por meio da escola, ainda no primário ou ginásio, não me recordo. Lá conheci Drummond, Rubem Braga, Luis Fernando Verissimo, Fernando Sabino, entre outros. Através desta coleção conheci minha primeira paixão literária: Luis Fernando Verissimo. O humor do seu texto me pegou. Sempre gostei de colocar humor no meu trabalho, e o Verissimo foi o cara que me apresentou isso na literatura. A série *O analista de Bagé* foi minha primeira paixão literária.

**Alexandre Nero** é músico e ator. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Divulgação



Não lembro do primeiro livro que li, mas sim do primeiro que me marcou e me transformou num humorista e num amante do humor. Roubei, ou melhor dizendo, emprestei de uma biblioteca de Tibagi (PR) *30 anos de mim mesmo*, do Millôr Fernandes, que acabei esquecendo de devolver. Esse foi o livro que me ensinou a escrever e me influencia até hoje. Outro livro essencial na minha vida foi o *Dom Quixote*, do Miguel de Cervantes. Levei três meses pra lê-lo e prorroguei o final até onde pude, tamanha a vontade de não me despedir daquele amigo e grande “desfeitor” de injustiças. Acho um livro imprescindível para conhecer o ser humano.

**Fábio Silvestre** é ator e comediante. Vive em São Paulo (SP).

Divulgação



Pra mim, quando se trata de literatura, não há vínculo maior que aquele que crio com os livros que gostaria de ter escrito. Como sempre fui um apaixonado por crônicas esportivas, *À sombra das chuteiras imortais*, de Nelson Rodrigues, é uma leitura que me acompanha até hoje – mesmo tendo lido há um bom tempo. O livro tem mais de 50 crônicas escritas na época de ouro do futebol brasileiro e mostra que a magia do esporte bretão vai muito além das quatro linhas. Em um dos textos, Nelson fala que o tempo é uma convenção que não existe nem para o craque, nem para a mulher bonita. Existe para o perna-de-pau e para o bucho. Ao escrever isso, sem querer, o cronista acabou mostrando que o tempo, essa convenção, também não existe para um bom livro, nem para uma boa leitura.

**Felipe Kryminice** é estudante de Publicidade e Propaganda e estagiário da Divisão de Difusão Cultural da BPP. Vive em Curitiba (PR).

Larissa Kryminice



## CURTAS DA BPP

### Biblioteca Pública do Paraná tem novo site

O novo *site* da Biblioteca Pública do Paraná (BPP) já está no ar, mais atraente, fácil de navegar e com acesso a serviços e eventos promovidos pela BPP. A nova página traz toda a programação, informações sobre o acervo e a renovação de livros, além dos projetos desenvolvidos na BPP, “Um escritor na Biblioteca”, “Hora do Conto”, “Aventuras Literárias” e “Oficina BPP de Criação Literária”. Outro destaque é o **Cândido**, com página exclusiva, em que, além da edição impressa, publicará conteúdos exclusivos. O diretor da BPP, Rogério Pereira, ressalta que o *site* será atualizado diariamente, com informações sobre as muitas ações que acontecem na BPP. “Acima de tudo, o *site* foi modificado para oferecer melhor atendimento ao público, que poderá se informar sobre as várias atividades e serviços oferecidos pela Biblioteca, do empréstimo de livros às atividades ao público infantojuvenil”, diz Pereira. Acesse: [www.bpp.pr.gov.br/](http://www.bpp.pr.gov.br/) [www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br/)

### Edney Silvestre é o convidado de setembro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”

O jornalista e escritor carioca Edney Silvestre é o convidado deste mês do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, no dia 18 de setembro, a partir das 19h, no Auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da Biblioteca Pública do Paraná. Edney nasceu em Valença e é autor dos romances *Se eu fechar os olhos agora* (2009), vencedor do Prêmio São Paulo 2010 na categoria autor estreante e Prêmio Jabuti de melhor romance no mesmo ano, e *A felicidade é fácil* (2011). Correspondente internacional do jornal *O Globo* e da *TV Globo* entre 1991 e 2002, atualmente realiza reportagens para a *Globo* e apresenta no canal Globo News o programa *Globo News Literatura*. A mediação deste encontro será do jornalista Yuri Al’ Hanati do jornal *Gazeta do Povo*. O próximo convidado é o escritor gaúcho João Gilberto Noll, no mês de outubro.

Divulgação



### Inscrições abertas para oficina de conto com João Carrascoza

O escritor paulista João Anzanello Carrascoza coordena no mês de setembro, na Biblioteca Pública do Paraná, a oficina de criação literária dedicada ao conto. Carrascoza é professor, ensaísta, autor de histórias infantojuvenis e dos livros de conto *Hotel Solidão*, *Duas tardes e Dias raros*. Para se inscrever, envie um e-mail para [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br), com um conto inédito de até 3 mil caracteres sobre qualquer tema. Os textos serão analisados pelo próprio autor, que selecionará 20 candidatos. A oficina acontece entre os dias 26 e 28, das 14h às 18h. As inscrições vão até 17 de setembro e são gratuitas.



# Lourenço Mutarelli

Com origens nos quadrinhos, o autor de *O cheiro do ralo* fala sobre sua relação com outras atividades artísticas, como o cinema e a música, e revela de que forma produz seus romances e HQs



Nascido em 1964, Lourenço Mutarelli cursou a faculdade de Belas Artes e, durante três anos, integrou a equipe do estúdio de Maurício de Sousa. Nos anos 1980, iniciou sua produção em histórias em quadrinhos por meio de fanzines e edições alternativas com pequenas tiragens. Nos anos 1990, lançou alguns de seus quadrinhos mais famosos, entre os quais *Transubstanciação*. Mas é pela via da literatura que Mutarelli ficou conhecido do grande público, ainda que conserve aos milhares os fãs de seus quadrinhos. Instigado por um e-mail de Arnaldo Antunes, que se empolgou com os originais de *O cheiro do ralo*, Mutarelli se animou a publicar o livro, escrito em surto catártico de cinco dias, durante um feriado de Carnaval. A partir daí, o livro foi publicado, adaptado para o cinema com grande sucesso por Heitor Dhalia e possibilitou a Mutarelli o início de duas novas carreiras: de ator e romancista. Mutarelli falou sobre o começo de sua carreira como escritor e outros assuntos durante o quarto encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. No bate-papo, conduzido pelo escritor e jornalista Luís Henrique Pellanda, o escritor confessou a sua admiração por Franz Kafka, William Burroughs, Fiódor Dostoiévski e Valêncio Xavier. “O Valêncio Xavier é o maior escritor brasileiro. De todos os tempos. Gosto de outros, de outras épocas, mas o Valêncio é o autor que me atingiu mais profundamente”, disse. Leitor apegado ao objeto livro, Mutarelli também revelou que não lê ficção enquanto produz as suas obras, e que, entre outras idiossincrasias, tem um pé atrás com o que chama de “memória”. “Desconfio da memória. É um assunto que está me consumindo. Acho que a memória é muito fictícia. Acredito cada vez menos nessas imagens da memória, nas lembranças. Tudo é reconstruído. É importante desconfiar da lembrança e da memória”, afirma o escritor. A seguir, os principais momentos do bate-papo.

#### **Biblioteca em casa**

A maior parte da biblioteca da casa do meu pai era de livros, mas também tinha quadrinho. Estudei em escola de padre e de freira, ambiente de pouca liberdade e muita castração. Inclusive, nasci em 1964, junto com a ditadura militar. Na biblioteca da minha casa, eu tinha acesso a tudo. Era uma biblioteca relativamente grande, onde havia desde títulos de medicina legal até livros de arte. Meu pai não lia os autores russos, por ser policial na época da ditadura. Mais tarde, tentei apresentar a ele alguns livros do Dostoiévski, mas ele não se permitia.

#### **O mundo dos gibis**

Na biblioteca da minha casa, tinha desde Will Eisner até Flash Gordon, Fantasma e muitos autores e personagens da chamada Era de Ouro dos quadrinhos. A parte mais contemporânea eu conheci quando fui trabalhar com o Maurício de Sousa, na parte de animação. O Maurício tinha uma ampla gibiteca para os funcionários. Lá, conheci os contemporâneos, o que me estimulou a fazer quadrinhos.

#### **Polícia, não**

Um dia, meu pai, que ainda era policial e estava no fim da carreira, desabafou: “A polícia acabou, a polícia acabou”. É que, naquele contexto, começaram os direitos humanos. Ele foi um policial de uma época em que não existiam direitos humanos, quando a tortura era permitida, um tempo execrável. A polícia é um meio terrível, onde você conhece um mundo realmente cão, e é um caminho sem volta. Houve pressão muito grande para que eu entrasse na polícia. Mas eu tinha escrúpulo demais para entrar no meio policial. É impossível um policial manter alguma ingenuidade ou serenidade com relação a qualquer outro ser humano. Prefери, então, sobreviver em subempregos antes de conseguir me firmar com o meu trabalho artístico.

#### **Por si mesmo**

Estudei em um colégio da classe mais alta, da qual eu não fazia parte — era a minha avó quem pagava. Eu usava roupa remendada, era óbvio que eu não fazia parte daquele meio. Ali, tinha uma biblioteca interessante. Mas as bibliotecas, em geral, me intimidavam. A procura por um livro em catálogos e fichários era uma coisa que me deixava perdido. Vamos sintetizar da seguinte maneira: nem sempre o atendimento em uma biblioteca é adequado. As minhas experiências em bibliotecas não foram muito boas. Por sorte, acho que todo leitor se faz por si mesmo, por nota de rodapé e pelos interesses que movem a pessoa em busca de informações. De modo geral, digo que a biblioteca da minha escola nunca fez com que eu me sentisse à vontade.

#### **Acidente literário**

Por desenhar desde a infância, o quadrinho nunca me intimidou. O quadrinho é um laboratório, onde é possível experimentar e, acredito, não há um olhar tão crítico quanto na literatura. A literatura era, para mim, algo sagrado, inatingível até. Entrei na literatura acidentalmente. Quando pensei em escrever *O cheiro do ralo*, estava terminando a trilogia do personagem Diomedes, e tinha uma série de outros trabalhos de ilustração e quadrinhos. Tive a ideia de escrever uma história e achava que a imagem iria denunciar demais, por isso tentei escrever um texto.

#### **Gênese do primeiro romance**

Escrevi *O cheiro do ralo* em cinco dias, durante uma viagem que a minha mulher e o meu filho fizeram em um feriado de Carnaval. Quando ela voltou, mostrei o texto e disse: “Olha, fiz um negócio, não sei se é livro, não sei o que é, mas é um texto”. Pedi para ela ler e, quando terminou, disse-me o seguinte: “Você não escreveu em cinco dias, mas em 38 anos, desde 1964, ano em que

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

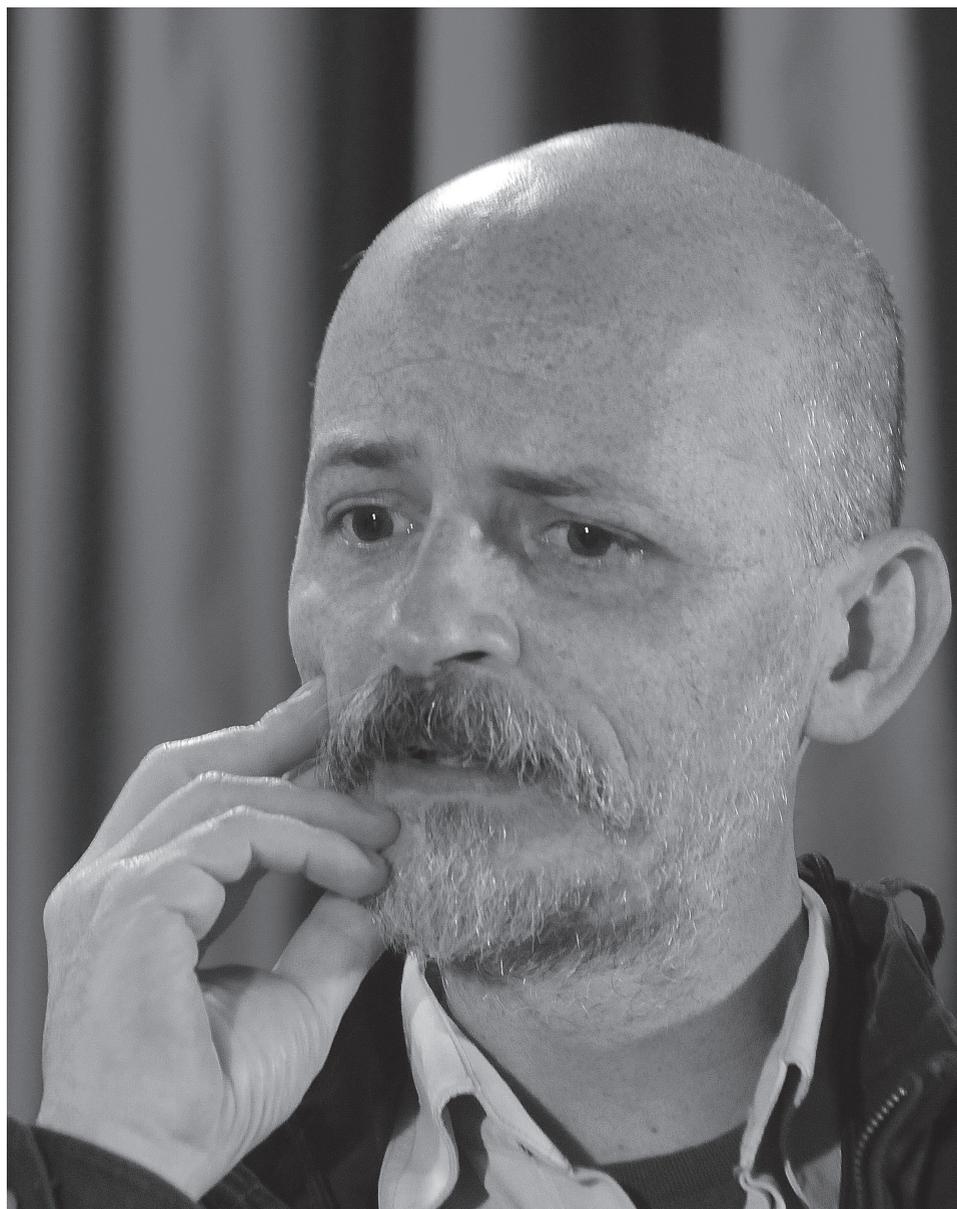
você nasceu”. A minha esposa percebeu dois pontos, onde fui preguiçoso e onde não havia resolvido uma questão. Passei mais dez dias resolvendo os problemas, enxugando excessos. Havia terminado, mas não sabia se aquilo era um livro. Aí, levei o original para a minha editora, que era a Devir, e comentaram: “Pô, um livro? O teu público é de quadrinhos”. E engavetaram *O cheiro do ralo*.

## Ferréz

Finalizei *O cheiro do ralo* imediatamente após ler o livro *Capão pecado*, do Ferréz, uma obra que flui muito bem. Foi ali que percebi que um texto, com apenas palavras, pode evocar a realidade de uma forma mais real do que se tentar representar aquilo por meio apenas do desenho. Dedico *O cheiro do ralo* a ele, Ferréz. Um pouco antes do meu livro ser publicado, o Ferréz queria me apresentar a um amigo, mas não disse quem era. Ele apenas falou para eu levar alguns álbuns meus de quadrinhos para dar de presente ao amigo dele, que era uma pessoa que eu, certamente, deveria gostar. Então, fomos ao encontro, e o amigo do Ferréz era o Arnaldo Antunes.

## Valêncio Xavier

Aconteceu algo muito importante na minha vida no dia em que fui visitar o Arnaldo Antunes, e tem ligação com Curitiba. É o seguinte: quando eu lançava um álbum de quadrinhos, quem sempre me entrevistava para a *Gazeta do Povo* era o Valêncio Xavier. E eu vou dizer uma coisa, talvez possa soar como exagero, mas é a minha opinião. O Valêncio Xavier é o maior escritor brasileiro. De todos os tempos. Gosto de outros, de outras épocas, mas o Valêncio é o autor que me atingiu mais profundamente. Nunca tive coragem de dizer isso para ele, mas agora está dito. Ainda em relação a Curitiba, tem outra questão importante. Eu lançava os meus quadrinhos em São Paulo



“ O Valêncio Xavier é o maior escritor brasileiro. De todos os tempos. Gosto de outros, de outras épocas, mas o Valêncio é o autor que me atingiu mais profundamente”

e no dia seguinte viajava para Curitiba para lançar na Itiban Comics Shop, que visito até hoje e ainda mantenho amizade com os proprietários. Mas, voltando ao Valêncio, aconteceu de num desses encontros eu dizer para ele: “Valêncio,

escrevi um negócio, que é um texto, não sei o que é”. Ele disse que gostaria de ler. Então, fiz uma cópia e iria mandar para ele, e isso justamente no dia em que eu estava indo, mesmo sem saber, para a casa do Arnaldo Antunes.

## Arnaldo Antunes

Na casa do Arnaldo Antunes, entreguei alguns dos meus álbuns para ele, que já possuía a coleção completa dos meus quadrinhos. O Arnaldo me deu alguns CDs, dele, que eu ainda não tinha. Foi uma tarde muito divertida: eu, o Arnaldo e o Ferréz. Em determinado momento, falei: “Arnaldo, a única coisa que posso te dar é um negócio que fiz, que nem sei o que é”. Achei que ele nunca iria ler. Enquanto tirava xerox, perdi um pouco da ordem daquilo. E mandei para o Arnaldo, só para retribuir os CDs que ele tinha me dado. Nesse contexto, meu computador foi para o conserto e eu estava esperando um *e-mail* de um quadrinista espanhol e, então, pedi para o meu editor monitorar as minhas mensagens. O Arnaldo leu *O cheiro do ralo* e enviou um *e-mail* comentado o livro. Meu editor leu a mensagem e me telefonou, dizendo: “Olha, o Arnaldo fez um comentário sobre esse livro que você mandou pra gente. Se ele autorizar, publico o comentário na quarta capa”. *O cheiro do ralo* só existe por causa de um pequeno *e-mail* do Arnaldo Antunes comentando o livro. É interessante, duro, mas importante dizer que, na nova edição que saiu ano passado, pela Companhia das Letras, o meu atual editor suprimiu o comentário do Arnaldo Antunes que é, justamente, o que tornou o livro possível. É isso. Foi dessa forma que me tornei escritor.

## Crime contra a literatura

Na infância, tive um grave problema com a literatura porque eu era obrigado a ler obras indicadas na escola. Tem livros e autores dos quais hoje eu gosto, mas naquela época era impossível gostar. Parnasianos, por exemplo. Acho que é impossível colocar um adolescente para ler uma obra parnasiana. É um crime contra a literatura. Eu tinha um amigo de outra escola que lia o gênero “crime”, ou policial. Nós líamos aquilo sem nos darmos conta de que estávamos lendo um li-

vro. Porque aquilo era legal. Era quase o videogame da época, uma coisa interessante de se envolver. O que me atraiu na literatura foram coisas que não aprendi na escola.

### Kafka

Até um momento da vida, eu achava muito chato ler. Então, alguém comentou sobre *A metamorfose*, de Franz Kafka. Eu devia ter uns 14 anos e a experiência de ler Kafka foi transformadora. Reli o livro várias vezes, e me tornei leitor de Kafka. Passei até a sentir ciúme da literatura dele: cheguei a pensar que aqueles livros tivessem sido escritos para mim. Era um diálogo profundo comigo, com o mundo extremamente sombrio no qual eu vivia. Pense na minha situação: filho de policial, durante o regime militar, estudando em colégio de padre. Então, eu tinha quase certeza: o Kafka me entendia profundamente.

### Apego aos livros

Tenho livros no apartamento, mas não há muito espaço. Minha mulher tem uma relação melhor com biblioteca e livros. Ela lê, inclusive, muito mais do que eu. No fim do ano, confere os livros que leu, pensa qual obra tem relação com algum amigo e envia o título para a pessoa. Quando não tem nenhum amigo com o perfil de determinado livro, ela sorteia no *Facebook* e manda por sedex. O meu caso é diferente. Tenho muito apego ao que leio, gosto de grifar trechos e nesses grifos eu me localizo. Quando comecei a produzir literatura, parei de ler ficção e passei a estudar assuntos teóricos, muitos dos quais ainda não usei, mas talvez algum dia eu venha a utilizar. Por isso tenho tanto apego aos livros, mais do que com os quadrinhos.

### Acervo na gibiteca

Doei parte de minha coleção de quadrinhos para o Sesc Pompéia, de São Paulo, que ainda em 2012 vai reabrir a sua gibiteca. Talvez eu doe todos os meus quadrinhos para eles. Mas os meus



“Crime e castigo é o único livro que li em três momentos da minha vida, e foram sempre leituras e descobertas diferentes.”

livros eu sou incapaz de doar e mesmo emprestar. Tenho duas estantes de vidro, fechadas, e tem livros que não deixo nem a minha mulher tocar. Ela não sabe folhear os meus livros. Tenho, realmente, uma relação de apego.

### Fumaça em casa

Desde que a lei antifumo entrou em vigor, por volta de 2009, parei de sair. Então, recebo os amigos em casa, incluindo escritores como Marçal Aquino, Marcelino Freire e outros. A gente janta, bebe e fuma à vontade.

### Mais profana que sagrada

Sou muito amigo do Marcelino Freire, um cara que adoro, um escritor que admiro muito. Falo para ele que, por sorte, conheço dois Marcelinos. O que eu leio e o que eu convivo. Não conseguiria conver-

sar e brincar sabendo que é ele quem escreve aquelas coisas que leio. Existe sim algo de respeito e valor, tanto na literatura como nos quadrinhos, mas não é algo mítico. Conheço muitos escritores para pensar que a literatura é algo sagrado. Na realidade, a literatura é mais profana que sagrada.

### William Burroughs

Nos primeiros livros que escrevi — em no máximo 15 dias —, até desejei experimentar outra forma de escrita. *A arte de produzir efeito sem causa* levou de 10 a 12 meses para ser finalizado, e foi um ótimo processo. Teve muita pesquisa, li muito. Nesse período, voltei a ter contato com a obra do William Burroughs, que li quando era jovem, mas não tinha compreendido. Durante o processo de escrita de *A arte de produzir efeito sem causa*, foi fundamental ler a obra

completa do Burroughs. Não leio quase nada dos contemporâneos. Adoro pegar um autor morto e ler a obra completa dele. Acho fascinante perceber a curva que existe entre cada livro de um mesmo autor. Em um dos últimos livros que escreveu, *Minha educação*, Burroughs faz uma autobiografia, mas ele conta os sonhos importantes que teve durante a vida em ordem cronológica. Então, você passa a entender melhor os livros dele.

### Dostoiévski

Não li a obra completa do Dostoiévski porque apareceram outros autores para eu ler e, quando trabalho muito, leio pouco. Mas do Dostoiévski li *O idiota*, *Os demônios*, entre outros, naquelas retraduições do francês, publicadas há muito tempo no Brasil. Não conheço as novas traduções, feitas diretamente do russo. *Crime e castigo* é o único livro que li em três momentos da minha vida, e foram sempre leituras e descobertas diferentes. Dostoiévski é um autor que gostaria de voltar a ler.

### Crença

Não acredito em Deus. Acho que Deus não tem nada a ver com os homens, é algo que diz respeito ao sólido e ao geométrico. Acredito no mal. O mal é algo mais próximo da natureza humana.

### Ateu

Embora eu tenha estudado em colégio de padre e de freira, meu avô paterno era ateu. Desde pequeno, quando ouvia falar que ele era ateu, eu queria entender o que significava aquilo. Um dia, meu pai explicou que meu avô não acreditava em Deus. Então, perguntei: “Mas a gente pode não acreditar?”. Daí, meu pai comentou: “Poder não acreditar, pode. Mas você vai ver. Um dia, quando o seu avô estiver bem velho e perto da morte, ele vai voltar atrás”. O meu avô nunca voltou atrás. Então, Deus foi uma coisa que superei rapidamente.

“Trabalho dentro dessa jaula. Ninguém entra lá. Só eu limpo o local, a cada dois anos.”

### Demonologia

Pesquisei os nomes de demônio que existem em todas as culturas. Eu era cético e se tratava de um hobby. Em um determinado momento, vivi uma experiência muito estranha no Museu Chileno de Arte Pré-Colombiana. Aquela situação fez com que eu passasse a repensar o meu ceticismo. Depois, tive uma outra experiência estranha durante a preparação para as filmagens de *O natimorto*. Então, hoje já não sou tão cético.

### Xipe Totec

Durante a adolescência, sofri muito por causa de enxaqueca, inclusive, nas crises, eu perdia a visão. É uma situação terrível. Surgem pontos luminosos e não é possível enxergar por uns dez minutos. E o pior vem depois: há dores fortes nas têmporas. Então, comecei a fazer tratamento e não tive enxaqueca por uns 15 anos. O tempo passou. Ao visitar o Museu Chileno de Arte Pré-Colombiana algumas obras chamaram a minha atenção, em especial a de uma divindade que se veste de macaco, Xipe Totec. Não era permitido fotografar, e comecei a desenhar a imagem em um caderno. Era uma figura muito interessante, com padrões diferentes de tudo o que eu já tinha visto. Inesperadamente, senti uma tremenda dor de cabeça e fiquei absolutamente cego. Não conseguia andar. Não sei como, mas consegui telefonar para a minha mulher, que me socorreu. Antes de sair do Museu, comprei um catálogo que tinha aquela imagem e fui embora. A experiência mexeu muito comigo.

### Memória é ficção

Desconfio da memória. É um assunto que está me consumindo. Acho que a memória é muito fictícia. Acredito cada vez menos nessas imagens da memória, nas lembranças. Tudo é reconstruído. Outro dia, um neurologista falou que a memória não é um arquivo como um filme ou uma fotografia. Cada vez que acessa a memória, você acessa uma série de arquivos e reconstrói o que está lembrando. É importante desconfiar da lembrança e da memória.

### Simulacro

A palavra é o simulacro mais próximo da comunicação que o ser humano possui. Não acredito que a palavra seja o verbo, mas que a palavra possa evocar o verbo.

### Disciplina

Sou disciplinado. Levanto cedo todo dia e vou trabalhar. Sem folga. Vou confessar uma coisa: minha religião é a música. Só desenho ouvindo música. Não consigo escrever com música, mas antes de começar o processo de escrita eu ouço um pouco de som. Gosto muito de música minimalista, que se faz por meio de repetição e praticamente induz a um transe. E, quando começo a escrever, entro em um processo de transe. Ao entrar nessa frequência, as coisas fluem e dificilmente vou mexer no que escrevi. Nesse estado, eu viro um instrumento o que estou fazendo.

### Dentro da jaula

Trabalho dentro de uma jaula. Na época dos quadrinhos, eu trabalhava de

12 a 18 horas por dia, acordava e dormia vendo não só a minha mesa como meus desenhos e outras referências pessoais, e era muito desgastante. Então, procurei me mudar para um apartamento onde tivesse quarto de empregada. Onde moro atualmente tem um quarto de empregada que não tem janela. É um quarto e banheiro, minúsculo, quase um útero. Quando estava dedicado ao trabalho de ilustração, devido ao fato de ter tintas no local, tive de colocar uma grade. Ao interromper o processo de quadrinhos, foquei na literatura e retirei a grade. Mas tinha uma plaquinha que coloquei na porta na qual estava escrito “proibida a entrada de pessoas estranhas”. Era uma piada. Depois, perdi a placa e procurei outra e, devido ao politicamente correto, só encontrei uma com a frase “proibida a entrada de pessoas não autorizadas”. Isso estragou minha piada. Fui num lugar e pedi para fazerem uma nova placa, na qual está escrito “proibida a entrada de pessoas estranhas, gatos e gatos estranhos”. E é isso. Trabalho dentro dessa jaula. Ninguém entra lá. Só eu limpo o local, a cada dois anos. Mas é fundamental, para mim, esse trânsito. Quando entro ali, estou em um determinado estado. Quando saio, deixo tudo ali dentro. Tomo muito cuidado para que meu trabalho não contamine a minha casa.

### Banana para pesadelos

Quando era criança, minha mãe falava para não comer banana à noite porque “dava” pesadelo. Uma noite, tive um pesadelo horrível. Acordei tão desesperado e, então, percebi que a vida era boa, apesar de na época eu achar que minha vida não era boa. Desde então, desenvolvi predileção por pesadelos. Eu dizia para a

minha mãe: “Ei, vou tomar água”. Ia à cozinha, comia duas bananas e voltava para o quarto esperando ter pesadelos.

### Cine-Mutarelli

Quem descobriu meu livro, *O cheiro do ralo*, foi o Marçal Aquino, que sugeriu ao Heitor Dhalia, um diretor que estava procurando um argumento para filmar. Um dia, o poeta Glauco Mattoso me telefonou para saber se podia, ou não, passar o meu telefone para o Marçal. Quando desliguei, meu filho, que tinha uns seis anos, perguntou: “Ah, o seu livro vai virar um filme?”. Respondi: “É, parece que vai, ainda estou conversando”. Aí, meu filho completou: “Mas é um daqueles filmes que a gente vai ver no cinema comendo pipoca?”. Então, me dei conta de que a melhor relação que eu poderia ter com esse filme seria por meio de uma adaptação. O que me interessou naquele momento foi o dinheiro que iriam me pagar, até porque eu enfrentava dificuldades financeiras. E foi isso. Fui, inclusive, surpreendido e fiquei feliz porque participei de todo o processo. Adoro a adaptação de *O cheiro do ralo*. E também gostei muito de *O natimorto*.

### Impasse com a crítica

Minha relação com a crítica não é boa. Quando me elogiam, os sujeitos, como diria meu filho há uns dez anos, estão pirando na batatinha. Quando me criticam, às vezes é infundado. Um crítico tentou destruir meu livro *A arte de produzir efeito sem causa*. Na realidade, ele destruiu o livro pelo fato de eu ter vindo dos quadrinhos. A resenha, publicada na *Folha de S. Paulo*, trazia frases como “o livro é um gibi sem desenho”. Curiosamente, é um livro que adoro, e a crítica não me

“Adoro a adaptação de *O cheiro do ralo*. E também gostei muito de *O natimorto*.”

afetou. *A arte de produzir efeito sem causa* acabou conquistando o público e ficou em terceiro lugar no Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2009.

### Falta de foco da imprensa

Fui entrevistado por um jornalista da *Folha de S.Paulo*, que me perguntou: “Como é ficar em terceiro lugar no Prêmio Portugal Telecom de Literatura?”. Respondi o seguinte: “Bom, vocês consideraram o meu livro ruim, e o júri do Portugal Telecom considerou o livro bom. Então, tenho de escolher entre um julgamento e outro. Respeito a *Folha*, mas o pessoal do Portugal Telecom teve mais discernimento”. Foi uma entrevista medonha. Disseram, na *Folha*, até que sou alcoólatra. Mesmo que fosse verdade, não tem fundamento afirmar isso. Passa o tempo, e a *Folha* publica uma matéria de duas páginas. Então, citam até o nome dos meus gatos, e me elogiam. Mas que relevância tem o nome dos meus gatos? Às vezes, dá raiva por não poder contra-argumentar com quem faz a crítica ou a matéria. Fora isso, o que sei de fato, até porque a minha mulher trabalhou durante três anos em uma livraria, é que uma crítica positiva vende livro, e uma crítica ruim não vende livro. Então é isso. Mas, para mim, quando alguém faz um comentário na saída de uma palestra ou evento literário, é bem melhor do que uma crítica.

### Conto, não

Na primeira vez que participei de um evento literário, acho que foi na “Balada Literária”, em São Paulo, pediram para eu ler um conto. Mas eu nunca escrevi um conto. Meus contos viram romances de fôlego curto. Tentei produzir um conto, mas não consegui. Então, escolhi uma história em quadrinho minha, extraí apenas o texto e li, como se fosse um conto. Adoro quando estou escrevendo e aquilo cresce, e se ramifica. Gosto de



Os escritores Luís Henrique Pellanda e Lourenço Mutarelli conversaram durante duas horas no auditório Paul Garfunkel da BPP.

extrair o máximo possível de um enredo. Sempre que leio um conto, eu gostaria que aquilo tivesse mais. Acho que uma história sempre pode render mais.

### Amores Expressos

Participei do projeto Amores Expressos, no qual autores brasileiros viajaram, individualmente, para cidades, a maioria do exterior, com a finalidade de escrever um livro. Fui para Nova York, e a experiência foi muito boa, mas não para o livro que tenho de escrever por contrato. Passei um mês no *loft* de um russo que iria ficar um mês fora da cidade. Os organizadores do projeto não queriam que os escritores ficassem em hotel, e odeio hotel. Sempre lidei bem com a solidão, mas vivi um mês numa solidão alheia, o que me afetou profundamente.

“ Durante o processo de escrita de *A arte de produzir efeito sem causa*, foi fundamental ler a obra completa do Burroughs.”

O dono do *loft* tinha os desenhos das filhas dele pendurado nas paredes, muitas coisas dele, e nada meu. Tudo o que eu comprava, para mim, não era meu, só seria meu quando eu chegasse ao Brasil e guardasse na minha casa. Postei a minha impressão sobre isso num *blog*.

### Desconforto

O projeto Amores Expresso tem uma série de requisitos difíceis e, como a única coisa que me interessava em Nova York era o William Burroughs, fiz um

livro totalmente inspirado nele. É uma obra caótica e ruim pra caramba. A Companhia das Letras não gostou, pediu uma série de alterações, fiz as modificações, mas não gostei. Tenho até este ano para entregar. Pensei em começar do zero, mas não. Não vai ser um bom livro, e eu acho importante ter livro ruim. São processos. Acho que meus dois próximos livros serão ruins. Isso é importante para que o terceiro próximo livro seja bom. Às vezes, é ruim para mim, e pode ser bom para alguém. Vamos à luta. ■

# ANOTAÇÕES DE UM SEDUTOR

Já me chamaram de canalha, calhorda, cachorro, de insensível, infeliz, idiota, de babaca, banana e boçal. Tudo isso fora os impropérios que abduco de relatar aqui. Em comum entre todas as mulheres que me ofenderam ao longo dos anos há um fato único, sincero e determinante para que eu me transformasse nesse alvo de desprezo e ódio. Eu amei cada uma delas. Uma após a outra, mesmo que, muitas vezes, um relacionamento tenha entrado em declínio em decorrência do surgimento do outro. Eu não buscava isso diretamente, não queria magoar quem quer que fosse e tampouco desgostava de nenhuma delas quando decidia jogar tudo para o alto. Apenas acontecia. Isso ninguém parece querer compreender.

Sou o que à moda antiga chamava-se de sedutor. Não sou brilhante intelectualmente nem tenho o rosto bonito ou mesmo atributos físicos que chamem a atenção. Sou até um pouco barrigudo, devido ao gosto exacerbado pela cerveja, e ultimamente ando vendo no espelho que uma calvície no co-

curuto se expande envergando aproximação com as entradas avantajadas que já tenho sobre a testa. Tenho um nariz bastante grande e afilado, mas não acho isso um defeito, chamo isso de charme, e talvez seja mesmo uma das poucas coisas que se destacam em mim, junto com o sorriso debochado e o olhar de esguelha que costumo direcionar às mulheres que me chamam a atenção.

É como um instinto, um chamado à vida. Difícil de explicar. Não sou um sujeito sem escrúpulos como elas pensam que sou. Repito. Simplesmente acontece. Eu sou daqueles que preferem morrer a ter uma paixão reprimida.

Quando conheci Malú, aos vinte e um anos, eu já havia me deitado com Verônica, Isabel, Lúcia, Rita e umas tantas outras. No início dessa juventude, porém, a libido era como um contrassenso ao amor. E foi só a partir dessa maioridade, dessa ruptura com as reminiscências juvenis, que me descobri apto para tal descoberta. Na verdade, foi mesmo Malú quem me fez balançar quando botei os olhos nela pela primeira vez. As pernas bambearam. Mo-

rena dos olhos verdes claros, corpo de mulher feita com rosto angelical, Malú imediatamente se transformou no assunto predileto das rodas de conversa dos homens nos botequins assim que se mudou para o bairro com a mãe doente e o pai motorista de ônibus. Eu morava no subúrbio e as mulheres que vivem nos subúrbios gostam de competir umas com as outras nas noites de sábado. De dia o burburinho todo já começa. A ida à feira livre, ao cabeleireiro, ao campo de várzea onde eram disputadas nossas acirradas partidas de futebol, tudo isso já era uma preparação do mulherio para as noites nos barzinhos do momento e nos salões de baile. Malú, porém, nunca aparecia. E isso deixava a torcida ainda mais impaciente. Tudo o que ela fazia era cuidar da mãe e dos afazeres domésticos.

Eu não estava aguentando mais aquela euforia, aquele desejo reprimido, queria saber mais sobre aquela mulher e quando a vi mais uma vez, semanas depois, levando a mãe para passear, em uma cadeira de rodas velha e desgastada, a todo o esforço para subir as

sarjetas da calçada que a levaria à praça, tomei coragem para ajudá-la. Percebendo o acerto da atitude gentil, já emendei que havia feito um curso de auxiliar de enfermagem e que poderia acompanhá-la quando trouxesse a mãe para o passeio habitual. Era quase uma verdade, pois havia feito um curso rápido de primeiros socorros, mas isso pouco importa, visto que até a mãe pareceu sorrir com o flerte. Na verdade, a mãe dela não sorriu coisa alguma, como fui saber depois. Aquela coisa que se assemelhava a um sorriso era uma paralisia facial decorrente de um derrame. Isso Malú me contava aos poucos, enquanto nossa relação se manifestava sincera e até certo ponto inocente.

À medida que as semanas passavam me tornei confidente de Malú, que não tinha amigas para tanto. Foi dessa forma que descobri que ela havia prometido para si mesma jamais se relacionar com um homem enquanto sua mãe estivesse naquela condição. Tentei dissuadi-la da promessa, prometi namoro, justificando que a mãe poderia levar anos para se recuperar ou mesmo morrer, mas Malú não abria mão da culpa que carregava. Culpa esta sobre a qual ela jamais falou. Não obstante, o que ela me disse em seguida surpreendeu-me até a alma.

“Vai, leva o teu fogo contigo que hoje ainda não posso. Mas, quando quiser, volta e me conte tudo.”

E assim foi. Dois anos depois me casei com Márcia, loura recém-sáida da adolescência que tinha o hábito de gritar mais do que todas as outras ao me ver fazer um gol no campinho. Ela me idolatrava tanto que deu o meu próprio nome ao filho que tivemos, o Júnior. Durante quatro anos, fui realmente lou-

Ilustração:  
**Theo Szczepanski**



## CONTO | JAVIER ARANCIBIA CONTRERAS

co por Márcia, mas daí surgiu Elisa, um furacão que devastou minha estabilidade matrimonial. Elisa era a gerente de uma das lojas de papai e, devido à sua incrível competência, foi promovida à supervisora geral e passou a bater de frente comigo, o boa-vida, o playboy do subúrbio, o filho do patrão. Elisa só não contava que eu me apaixonasse por ela. E vice-versa. Eu deixava que ela me subjugasse nas reuniões, que me tratasse como um energúmeno enquanto administrador. No entanto, tudo não passava de um jogo perverso. Quando fechávamos as portas da sala de reuniões, após dispensar a todos, após brigas terríveis em que fatalmente eu saía como um perdedor, o que causava a indignação dos diretores, ela se revelava. Me pedia para humilhá-la, desprezá-la, machucá-la. Dali para o fim do meu casamento, mas principalmente, para o início de um amor infame, bastou o primeiro tapa que lhe dei na cara.

Eu contava tudo para Malú, enquanto ela enfiava a sopa de aveia goela abaixo da mãe e o pai roncava vendo a tevê na sala ao lado.

“Você é um homem bom. Não fez nada de errado. Segue teu desejo, o amor que tens pela vida.”

E Malú me pedia para entrar em detalhes, coisa que me deixava bem constrangido. Eu tergiversava, floreava as passagens mais picantes, mas ela me interrompia. Nervosa, derrubava a sopa no avental da velha e dizia que não queria me ouvir falar como um poeta e sim como um sedutor, um amante das mulheres. Acho que foi a primeira vez que alguém se dirigiu a mim dessa forma. Estranhamente, me senti até orgulhoso.

Elisa e eu nunca assumimos nada, mas ela me infernizou ainda

mais que Márcia, que tinha motivos aos borbotões. Isso tudo porque surgiu Carolina e toda a sua doçura era o avesso da insanidade de Elisa. No fundo, sempre fui um sentimental, um eterno romântico, e Carolina era tudo isso e muito mais, eu percebia em seus olhos por trás dos óculos fundo de garrafa que usava e em seus gestos camuflados pelas roupas largas que vestia enquanto me atendia na clínica de animais nas vezes que eu levava meu cachorro Nelson para algum procedimento médico. Foi ela que descobriu e tratou o câncer do Nelson. Foi ela também que lhe aplicou a injeção letal e aguentou o meu choro desmedido e infantil na sala de espera do seu consultório. Com Carolina parecia que eu havia retrocedido no tempo. Nós íamos ao cinema assistir filmes antigos, andávamos de mãos dadas, sentávamos em bancos de praça. Casamos, enfim. Convidei Malú, mas ela se negou, assim como havia feito da vez de Márcia.

Mesmo assim ela insistia e queria saber detalhes sobre minha vida com Carolina, que era tímida até mesmo na cama. Mas isso não me incomodava, já estava farto de volúpias. Entretanto, me chateava dizer isso a Malú enquanto ela limpava a boca da mãe com um pano engomado da sopa e o pai bêbado roncava de frente à tevê.

Não durou muito, porém. Um ano depois de Carolina ter matado meu cachorro, ela morreu. De uma doença animal, disseram os médicos. E eu desatei a chorar de maneira parecida da vez que Nelson morreu.

Daí desandei de vez. Mas eu ainda tinha a chama no peito e nos anos seguintes posso dizer que amei uma porção de vezes, de maneiras di-

ferentes, mas por uma razão única. Só então compreendi que eu era um homem solitário.

\*\*\*

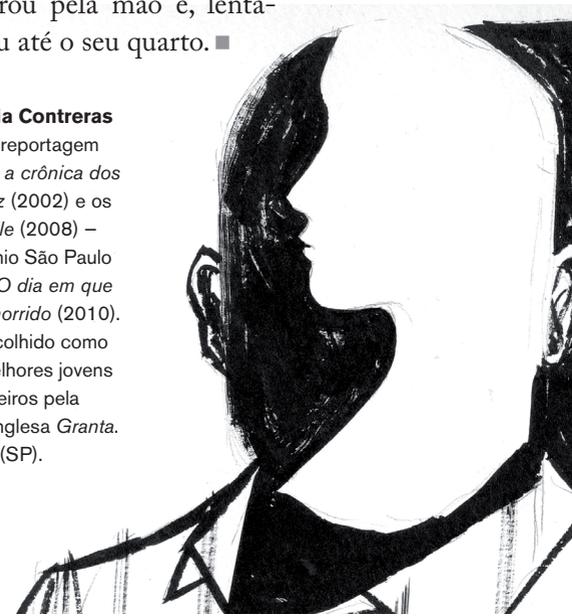
Quando recebi o telefonema de Malú, fazia anos que não nos falávamos. Eu já não morava no subúrbio, era tarde da noite e eu tive que dirigir bastante para chegar ao lugar onde nasci e me criei. Malú abriu a porta e a figura que eu vi estava envelhecida, os olhos verdes como que diluídos na dor, a boca seca do desgosto.

“Ela morreu.”

E eu entrei e só não vi a velha ainda mais velha porque Malú colocara o pano da sopa sobre seu rosto. No sofá da sala, seu pai já não roncava nem a tevê estava ligada. Me aproximei, acho que pela primeira vez desde que pus os pés naquela casa, e vi de perto seu rosto. Os olhos abertos, como se houvessem presenciado algum tipo de horror, a boca escancarada pelo vômito. Ao lado do corpo, um copo vazio, uma espécie de espuma amarela nas bordas.

Malú também se aproximou. Parada ao meu lado, cuspiu no corpo do pai. Com os olhos lubrificadas por um sentimento indecifrável para mim, cuspiu de novo. Desta vez, no rosto. E só então me segurou pela mão e, lentamente, me levou até o seu quarto. ■

 **Javier Arancibia Contreras** escreveu o livro-reportagem *Plínio Marcos – a crônica dos que não têm voz* (2002) e os romances *Imóvil* (2008) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, e *O dia em que eu deveria ter morrido* (2010). Em 2012 foi escolhido como um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros pela revista literária inglesa *Granta*. Vive em Santos (SP).



## UM ESCRITOR<sup>na</sup> BIBLIOTECA

EDNEY SILVESTRE

**18 | setembro | 19h**  
Entrada franca

PRÓXIMO ENCONTRO  
**16 OUT** João Gilberto Noll

## OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA CONTO

JOÃO ANZANELLO  
CARRASCOZA

**26, 27 e 28 | setembro | das 14h às 18h**  
Vagas limitadas  
Inscrições gratuitas até 17 de setembro pelo e-mail  
**oficina@bpp.pr.gov.br**  
Informações 41 3221 4917

PRÓXIMAS OFICINAS  
**NOV** Roteiro de Cinema | **Tabajara Ruas**  
**DEZ** Jornalismo Cultural | **João Gabriel de Lima**

## PALESTRA

DEFICIÊNCIA, DIFERENÇA  
E ACESSIBILIDADE

PAULO RICARDO ROSS

**20 | setembro | 14h**  
Entrada franca

**Auditório Paul Garfunkel**  
Inscrições **cleunicesilva@bpp.pr.gov.br**

professor da UFPR, palestrante e pesquisador em  
educação inclusiva e doutor em Educação Especial

# Um diálogo permanente

Ilustrações: Rômolo

O cinema nacional sempre trabalhou com transposições literárias, e muitas delas já fazem parte do imaginário popular. Mas quais os filmes baseados em livros que realmente integram o nosso cânone cinematográfico?



OMAR GODOY

**D**e clássicos como *Vidas secas* ao *soft porn* de *Bruna Surfistinha*, passando por sucessos de bilheteria do calibre de *Dona Flor e seus dois maridos*, *Cidade de Deus* e até *Tropa de elite*, o cinema nacional sempre utilizou a literatura (boa ou ruim) como matéria-prima. Mais do que isso: ao se elencar os títulos que fazem parte do imaginário popular, chama a atenção o grande volume de adaptações literárias presentes na lista. Mas quantos livros brasileiros realmente foram convertidos em filmes que podem ser considerados obras de arte?

Antes de tentar responder, é interessante identificar alguns momentos históricos em que o diálogo entre o cinema e a literatura foi mais intenso por aqui. Não se sabe ao certo qual o primeiro livro brasileiro transposto para as telas, mas é possível afirmar que as adaptações literárias se tornaram uma tendência durante a Primeira Guerra Mundial, quando os estúdios estrangeiros interromperam seus trabalhos e produtores nacionais viram uma oportunidade de aumentar sua ocupação nas salas do país. Para atender essa nova demanda por roteiros, apostou-se em livros como *O guarani* (que já havia inspirado um curta-metragem em 1908), *Inocência*, *A moreninha* e *Iracema* — alguns deles assinados pelo italiano Vittorio Capellaro, importante pioneiro do cinema nacional.

Outro período expressivo foi a década de 1960, em que praticamente todos os cineastas ligados ao movimento

do Cinema Novo realizaram transposições literárias. Exemplos não faltam: *Vidas secas* (Nelson Pereira dos Santos), *A hora e vez de Augusto Matraga* (Roberto Santos), *Macunaíma* (Joaquim Pedro de Andrade), *Ganga Zumba* (Cacá Diegues), etc. Mesmo Glauber Rocha nunca escondeu a influência da literatura de cordel e de autores como Euclides da Cunha, José Lins do Rego e Guimarães Rosa em seus trabalhos.

Nelson Pereira dos Santos justificava esse interesse pela literatura dizendo que, na falta de uma tradição de filmes dedicados à reflexão sobre temas sociais, os cineastas acabavam recorrendo aos livros. Há quem diga, também, que o expediente de adaptar grandes escritores brasileiros era uma forma de garantir certa respeitabilidade perante os generais que comandavam o país durante a ditadura. Seja como for, a relação entre as letras e o audiovisual se tornou permanente a partir daí, e ganhou ainda mais força na fase de retomada do cinema nacional.

Estima-se que, entre 1995 e 2005, quase 40% dos títulos lançados tiveram matriz literária. Entre eles *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles), *Carandiru* (Hector Babenco), *Tieta do agreste* (Cacá Diegues), *O que é isso companheiro?* (Bruno Barreto), *Polícarpo Quaresma* (Paulo Thiago), *Bicho de sete cabeças* (Láís Bodansky), *O Xangô de Baker Street* (Miguel Faria Jr.), *Lavoura arcaica* (Luiz Fernando Carvalho), *Bufo & Spalanzanni* (Flávio Tambellini) e *O invasor* (Beto Brant).

Como na década de 1910, havia

oportunidades e recursos (neste caso, via leis de incentivo) para produzir — mas poucos roteiristas profissionais para desenvolver ideias originais. Somete-se a isso a necessidade de um resgate cultural, após anos sem títulos brasileiros nas telas, e talvez tenhamos uma explicação para a grande quantidade de adaptações realizadas no período.

### Olhar através do livro

Para responder à pergunta de abertura, um tanto quanto subjetiva, a reportagem do **Cândido** procurou especialistas de diferentes áreas do cinema. O professor e pesquisador José Gatti, por exemplo, acredita que, apesar de o Brasil ter produzido muitos filmes baseados em livros, poucos deles realmente fazem parte de nosso cânone cinematográfico. “Muitas adaptações se prendem a um modelo de cinema realista e de narrativa clássica. Ou seja, limitam-se a contar a historinha em si, quando o mais importante é buscar o *geist*, o espírito do texto original”, afirma Gatti, membro da associação internacional Society for Cinema and Media Studies (SCMS) e um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine).

O autor, consultor e professor de roteiros Di Moretti também faz questão de discernir quantidade de qualidade. “Se o parâmetro da discussão for os filmes que ‘aconteceram’, que levaram público aos cinemas, aí, sim, a gente pode dizer que temos grandes adaptações literárias”, diz o roteirista, conhecido por trabalhos como *Latitude zero* e *Nos-*

sa vida não cabe num Opala (ambos baseados em textos de Fernando Bonassi e Mario Bortolotto, respectivamente).

Gatti destaca dois títulos bem-sucedidos em sua missão de transmutar literatura em obra-prima audiovisual: *Macunaíma* (“por captar o lado malandro, nonsense e surreal do Brasil”) e *Vidas secas* (“que traduz perfeitamente o sofrimento dos retirantes nordestinos”). Este último também é citado por Moretti. “O Nelson Pereira dos Santos soube olhar através do livro. Usou o roteiro, a fotografia e o próprio trabalho de direção para transmitir a essência do texto”, explica.

Moretti ainda fala sobre *Lavoura arcaica*, que simplesmente não tem roteiro. “O diretor não trabalhou com esse filtro. Apenas deu um exemplar do livro do Raduan Nassar para cada integrante da equipe. É impressionante como o espec-

tador consegue entrar de cabeça naquele universo”, diz.

Para ele, um dos segredos da boa adaptação é saber administrar (e muitas vezes reduzir) o elenco de personagens da obra original. “O Bráulio Mantovani realizou uma missão difícilíssima em *Cidade de Deus*, com todos aqueles personagens e universos diferentes. Já o resultado do *Carandiru*, que tem o Bonassi como um dos roteiristas, não é tão bom. São 17 personagens, exatamente como no livro, e o público não se identifica com nenhum deles.”

Com a autoridade de quem já adaptou *Cidade de Deus* (Paulo Lins), *O jardineiro fiel* (John Le Carré) e *Ensaio sobre a cegueira* (José Saramago), o cineasta Fernando Meirelles surpreende ao eleger um único filme, e ainda por cima inédito no circuito comercial: *A hora e a*

vez de *Augusto Matraga*, do diretor Vinicius Coimbra, inspirado no clássico de Guimarães Rosa (já levado para a tela por Roberto Santos em 1966). “É uma versão belíssima, com um ótimo trabalho do ator João Miguel. Deve estreiar em breve. Cinema precisa de ação, enquanto a literatura pode ser mais introspectiva. Muitas adaptações mostram personagens pensando, como em um livro, e isso é sempre desastroso”, diz.



O escritor Marçal Aquino, que costuma roteirizar os próprios livros, destoa dos outros entrevistados. “Gosto de muitas adaptações, acho até injusto escolher uma só. Se for indispensável citar um filme, eu mencionaria o *São Bernardo* (1971), do Leon Hirszman, adaptado do grande romance do Graciliano Ramos. Para além dos critérios indevidos, como a fidelidade, o diálogo que o filme estabelece com o livro é soberbo. Mais que isso, as absurdas limitações (*impostas pela ditadura militar*) que cercaram a produção hoje servem para torná-lo ainda mais memorável”, afirma o autor de *O invasor* e *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, entre outros.

#### Potencial cinematográfico

Sobre os clássicos que ainda não ganharam versões para a tela, o professor José Gatti afirma que mesmo alguns livros talvez não se prestem ao cinema. De qualquer forma, ele acredita que os realizadores brasileiros continuam “devidos” um filme à altura de Machado de Assis — mesmo destacando o roteiro inventivo do *Brás Cubas* (1985) de Júlio Bressane. Opinião compartilhada por Di Moretti, que gostaria, ele próprio, de roteirizar *Dom Casmurro* (que já ganhou uma releitura contemporânea, *Dom*, de Moacyr Góes).

Marçal Aquino vê potencial cinematográfico em *Jesus Kid*, de Lourenço Mutarelli (de quem adaptou *O cheiro do ralo*), enquanto Meirelles revela um sonho: filmar *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. “Já houve uma versão para o cinema (*dos irmãos Geraldo e Re-*

*nato Santos Pereira*) e outra para a televisão (*de Walter Avancini*), mas é um livro que sempre faz sentido. Também gostaria de assistir, no cinema ou na televisão, a uma adaptação de *Um defeito de cor*, da Ana Maria Gonçalves. Seria um filme bem popular, por falar sobre a origem dos negros no Brasil”, explica o diretor, em cartaz com o longa *360*.

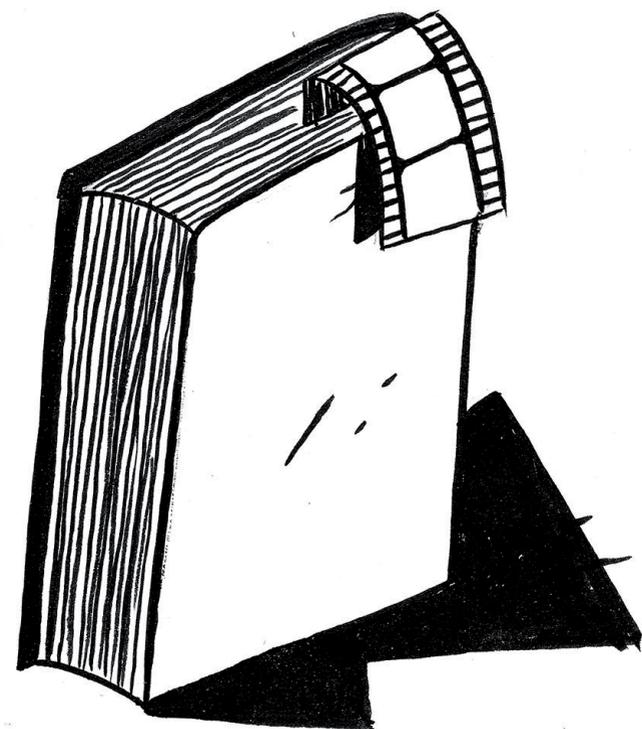
Questionado a respeito de uma possível “contaminação” da literatura contemporânea por parte do cinema, Meirelles não vê problemas na convergência entre as duas áreas. “Há escritores que se apropriam da estrutura do roteiro de cinema ou incluem diálogos coloquiais como nos filmes. Se a história e os personagens são bons, se funciona para o leitor contemporâneo, está valendo. Quem disse que cada coisa tem de ficar numa gavetinha?”

Aquino reconhece que muitos escritores norte-americanos já escrevem pensando numa futura adaptação. Mas não enxerga essa tendência no meio literário brasileiro. “Nunca aconteceu comigo. Diante de qualquer ideia que me ocorre, penso sempre: isso dá um conto, um romance ou uma novela? Nunca penso em cinema nessa hora”.

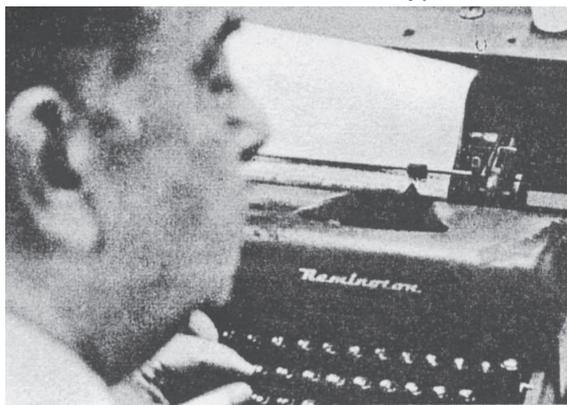
Para Gatti, o problema é dos críticos de literatura, não dos autores. “Desde que surgiu, o cinema passou a influenciar, com muita intensidade, toda a cultura. Seria impossível que esse fenômeno não passasse pela literatura. Daqui a alguns anos, vão dizer que a literatura está sendo contaminada pelos videogames. A verdade é que algumas pessoas não estão instrumentadas para analisar essas novas obras”. ■

“ Desde que surgiu, o cinema passou a influenciar, com muita intensidade, toda a cultura. Seria impossível que esse fenômeno não passasse pela literatura.”

José Gatti



Divulgação Editora Nova Fronteira



# Amados pelo cinema

Jorge Amado e Nelson Rodrigues, dois dos escritores brasileiros que mais tiveram obras adaptadas à linguagem cinematográfica, completariam 100 anos agora em 2012

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Dois mil e doze é o ano do centenário de nascimento de dois escritores brasileiros muito diferentes um do outro, mas com pontos de contato entre si. Ambos nasceram no nordeste brasileiro. Cada um transformou em ficção a sua aldeia, seja onde nasceu, passou a infância ou cresceu. Eles nunca foram unanimidade e receberam críticas contundentes por motivos equivocados. Mas há outro ponto de conexão entre esses dois cânones de nossa literatura: Jorge Amado e Nelson Rodrigues são alguns dos autores que mais tiveram obras adaptadas para o cinema.

Os textos de Nelson Rodrigues (1912-1980) transformaram-se em filmes a partir do olhar, e da direção, de Neville de Almeida (*Os sete gatinhos*), Bruno Barreto (*O beijo no asfalto*), Braz Chediak (*Perdoa-me por me traíres*),

Walter Avancini (*Boca de ouro*) e Andrucha Waddington (*Gêmeas*), entre outros. O curador da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, Gilberto Santeiro, define Nelson Rodrigues como “o rei dos diálogos” e, justamente por essa característica, afirma que os diretores que preservam o texto original do dramaturgo saem na frente — positivamente — em suas adaptações cinematográficas, como é o caso de J. B. Tanko, com *Engraçadinha depois dos 30*, e Arnaldo Jabor, em *O casamento*.

Santeiro conheceu, e conviveu, com Nelson que — de acordo com o curador do MAM-RJ — não gostava de “diretor inteligente”. “Para ele, o diretor de cinema tinha de respeitar, e manter, o texto original, e não fazer intervenções supostamente ‘inteligentes’”, diz Santeiro, acrescentando que o dramaturgo era obcecado pelo longa-metragem norte-americano *E o vento levou* e reprovava a adaptação que Leon Hirszman fez de sua peça *A falecida*.

Editor de mais de 40 longa-metragens, Santeiro acredita que a obra de Nelson funciona no cinema, também, devido aos personagens fortes criados pelo jornalista-dramaturgo, o que pode ser comprovado com a performance de Sônia Braga interpretando Solange em *A dama do loteamento*, de Neville de Almeida, e Vera Viana em *Asfalto selvagem*, de J. B. Tanko. “As heroínas e os personagens masculinos construídos por Nelson são ótimos. E bons personagens sempre

O curador da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Gilberto Santeiro, analisa que, devido aos bons diálogos e à presença de personagens fortes, a obra de Nelson Rodrigues acontece na grande tela, sobretudo na adaptação *Engraçadinha depois dos 30*, de J. B. Tanko.

Zélia Gattai - Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado

ajudam na elaboração de um filme”, afirma Santeiro, que assina a montagem de *Engraçadinha*, adaptação de uma obra do autor agora centenário dirigida por Haroldo Marinho Barbosa, com a atriz Lucélia Santos como protagonista.

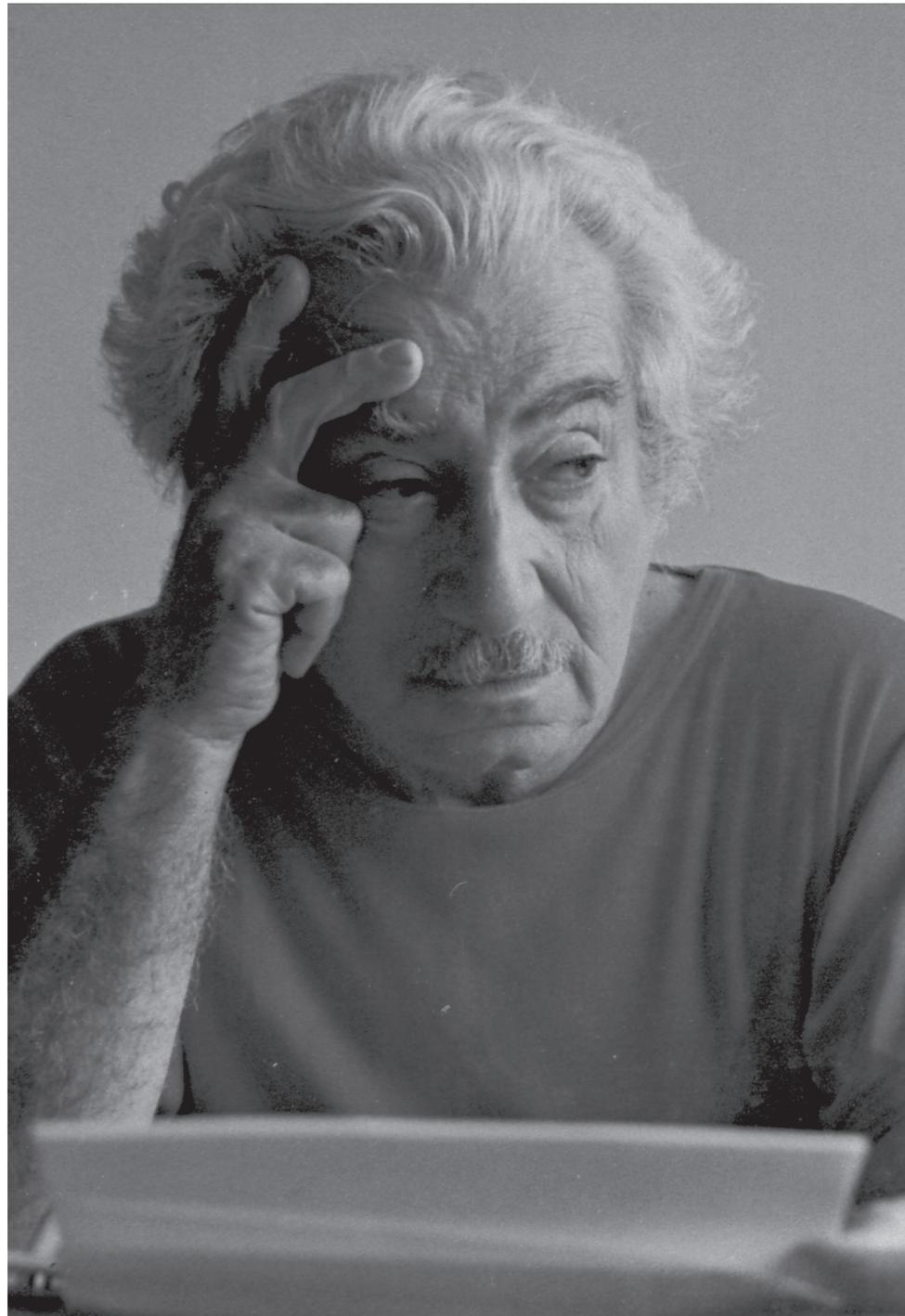
### No palco, no jornal, na rede

Pesquisador da produção rodrigueana, Ricardo Oiticica dispara: a obra do dramaturgo não funciona no cinema. Para justificar a tese, o professor da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio recorre a uma frase do próprio autor, que dizia querer transmitir a malária e o tifo. “O teatro dele é a vida verdadeira. No cinema, sem a cálida presença física, sobretudo do público, a obra do Nelson não acontece”, argumenta.

Oiticica lembra que a encenação de *Perdoa-me por me traíres*, em 1957, dividiu a plateia: metade vaiava, enquanto os outros aplaudiam. “Ali estava a arte e o efeito da produção de Nelson. Agora, imagine a performance filmada, editada e exibida em uma sala de projeção. Perde-se muito. Haverá reação do público? Evidente que não vai funcionar como na proposta original do autor”, comenta o professor carioca.

Somente agora, no centenário do nascimento, observa Oiticica, o dramaturgo volta a flertar com a unanimidade, ao receber homenagens em todo o Brasil. Nelson foi unânime apenas com a peça *Vestido de noiva*, em 1943. Em seguida, ao problematizar o contraditório e praticar a polêmica, enfrentaria décadas de confrontos e mal-entendidos. A partir da montagem de *Toda nudez será castigada*, em 1965, encenar torna-se inviável, sobretudo pelo fato de o autor ter seu nome vinculado ao governo militar.

Incompreendido em saraus de grã-finos, botecos ideológicos e também em peladas e clássicos acadêmicos, Nelson Rodrigues, que faleceu em



21 de dezembro de 1980, deixou um legado ainda não totalmente compreendido e decifrado. A obra dele segue a repercutir nas telas, nos palcos, em edições impressas, mesmo fragmentada em frases compartilhadas nas redes sociais, como as conhecidas máximas “Só o inimigo não trai nunca”, “Deus está nas coincidências”, “Nem todas mulhe-

res gostam de apanhar, só as normais” e “Se todos conhecessem a intimidade sexual uns dos outros, ninguém cumprimentaria ninguém”.

### Armas de Jorge

Além das 10 adaptações de romances de Jorge Amado (1912-2001) para o cinema, incluindo as duas versões

A Fundação Casa de Jorge Amado acaba de publicar o livro *Jorge Amado e a sétima arte*, no qual a diretora da instituição, Myriam Fraga, explica que a obra do escritor baiano parece ter sido feita para ser projetada nas grandes telas cinematográficas.

Zélia Gattai – Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado



O cineasta curitibano Marcos Jorge é o diretor de *As fantásticas aventuras de um capitão*, adaptação do livro *Os velhos marinheiros ou O capitão de longo curso*, de Jorge Amado, que estreia no circuito comercial no primeiro semestre de 2013.

de *Capitães de areia*, mais um longa elaborado a partir da ficção do autor baiano vai estrear no circuito comercial no primeiro semestre de 2013. Trata-se de *As fantásticas aventuras de um capitão*, filme produzido em parceria pela Warner Bros. e pela Total Filmes — e quem assina a direção é o curitibano Marcos Jorge, de 47 anos, que se notabilizou por ter realizado *Estômago*, premiado no Brasil, Holanda, Inglaterra, Portugal, Uruguai e até na República Dominicana.

Essa empreitada recente de Jorge é uma livre adaptação de um livro de Amado, *Os velhos marinheiros ou O capitão de longo curso*, e há cenas gravadas nas cidades do Rio de Janeiro, Tiradentes e S. João Del Rei, com participação de mais de mil figurantes e 50 atores, entre os quais José Wilker, Patrícia Pillar, Cláudia Raia, Tainá Müller, Márcio Garcia, Milton Gonçalves, Sandro Rocha e os paranaenses Rodrigo Ferrarini e Zeca Cenovicz — o ator

português Joaquim de Almeida, de *Velozes & furiosos 5*, é o protagonista.

O cineasta conta que, em 2009, recebeu um convite da Total Filmes para fazer a adaptação. Pediu uns dias para rever a obra lida na adolescência. A empatia foi imediata. “Simplesmente delicieime com as aventuras do Comandante Vasco e com seu conflito com Chico Pacheco. Mas ao chegar perto do final do romance foi quando tive certeza de que queria fazer o filme, pois ao ler a cena da chegada do navio do Comandante aos cais de Belém, aconteceu comigo aquilo que os cientistas chamam de ‘paramnésia’ e os franceses de *déjà vu*: revivi, com detalhes, o momento em que, adolescente, me emocionara ao ler a cena magistralmente escrita por Amado. Pensei que se conseguisse fazer com que os espectadores sentissem a mesma comoção que eu, naquele momento, estava sentindo pela segunda vez, poderia fazer um filme muito especial”, confessa o curitibano

que cursou jornalismo e estudou direção e roteiro em Roma.

Durante as pesquisas para o escrever o roteiro do filme, que assina sozinho, Jorge releu a obra do escritor baiano e confirmou aquilo que — adolescente, quando leu pela primeira vez — já havia intuído: Jorge Amado é um clássico. “E o é na acepção mais ampla de clássico, a de uma obra que está sempre se renovando. Seus temas centrais são variados como é variada a humanidade e a vida, mas se destacam: a luta política entre os grupos humanos, a independência feminina, o sincretismo religioso e cultural brasileiro. Ler Jorge Amado, como bem o define Ana Maria Machado, é fazer ‘um mergulho no humor e na imaginação’”, afirma o realizador.

#### Pronto para filmar

A diretora da Fundação Casa de Jorge Amado, Myriam Fraga, chama a atenção para o fato de que, muito mais do

que apenas uma personalidade do universo das letras, Jorge Amado foi um embaixador da Bahia e do Brasil. “Foi um ‘contador de histórias’ que soube transmitir com genialidade o cotidiano do seu povo. Amado costumava dizer que uma história se conta, não se explica”, comenta Myriam, que também é escritora.

Em meio às celebrações do centenário de nascimento do autor, a Fundação Casa de Jorge Amado viabilizou a publicação do livro *Jorge Amado e a sétima arte*, no qual Myriam assina um texto analisando os pontos de contato entre a obra do escritor e o cinema. “Já que falamos das relações de Amado, autor, com o cinema, não poderíamos deixar de falar de sua obra romanesca, ela mesma e toda ela, parecendo ter nascido para projetar-se, além do papel, nas grandes telas cinematográficas do mundo inteiro para total deleite e visibilidade de um público maior, mais diversificado, que não tendo ainda se iniciado nos caminhos da palavra consegue, através das imagens recriadas nos filmes, conviver com personagens e episódios que, apesar da transcrição em outra linguagem, guardam ainda o vigor e a transparência, características da ficção de Jorge Amado”, argumenta Myriam.

Marcos Jorge sabe que, a exemplo do discurso de Myriam, a ficção do mais conhecido escritor baiano dialoga com a sétima arte — e ele conferiu cinco adaptações da obra de Amado para a tela grande: *Dona Flor e seus dois maridos* e *Gabriela*, ambos de Bruno Barreto; *Tieta do Agreste*, de Cacá Diegues; *Quincas Berro d'Água*, de Sérgio Machado, e *Capitães de areia*, de Cecília Amado. “Gosto de cada um deles, por razões diversas, mas devo dizer que me agradam sobretudo os mais recentes, o do Sérgio Machado e o da Cecília Amado, por fazerem uma leitura atualizada das histórias que adaptam”, avalia o cineasta.

O fato de conciliar histórias re-



Nelson Rodrigues ganhou dezenas de adaptações cinematográficas. No entanto, Ricardo Otício, da PUC-Rio, afirma que a obra do dramaturgo não funciona no cinema. “Sem a cálida presença física do público, a obra do Nelson não acontece”.

quintadas e problemas complexos com uma certa simplicidade narrativa pode explicar porque a obra do escritor baiano é, praticamente, perfeita para o cinema. A tese é de Jorge. “Acho que é nisso, nessa capacidade de ser sofisticado e ao mesmo tempo acessível, que reside a primeira grande qualidade de sua literatura. Qualidade que o cinema apreciou e aproveitou: *Dona Flor e seus dois maridos* foi, durante décadas e até dois anos atrás, o maior sucesso de bilheteria do

cinema brasileiro [superado apenas por *Tropa de elite 2*]. Jorge Amado funciona no cinema, e como!”, afirma o diretor nascido em Curitiba que, durante o período em que esteve envolvido com a adaptação de Amado para a linguagem cinematográfica, teve como livro de cabeceira *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, para ele, “um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos, e talvez o maior dramaturgo já surgido em nosso país”. ■

# Nossas páginas, nossas telas

O cineasta **Fernando Severo** traça um panorama dos filmes paranaenses realizados a partir de obras literárias

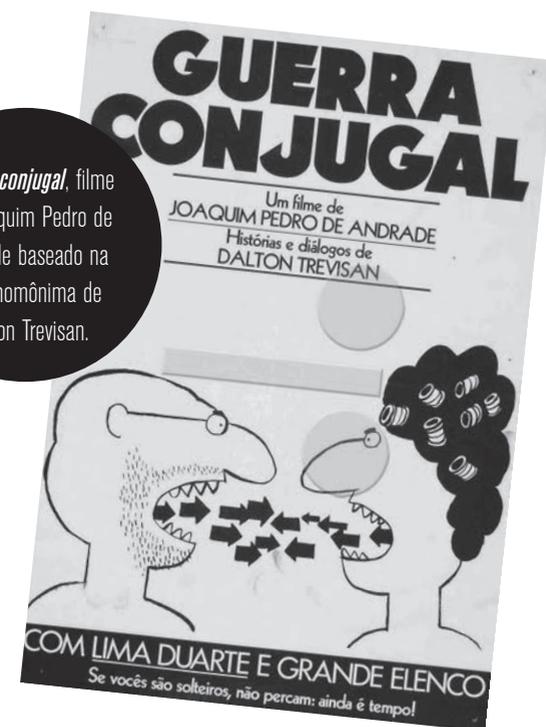
O cinema de ficção demorou a chegar ao Paraná. Nossos pioneiros eram mais voltados ao documentário, até porque faltava a eles quase tudo: equipamentos, estúdios, equipe técnica, atores gabaritados e, principalmente, roteiristas. Antes de Sylvio Back estreiar em 1968 na ficção com *Lance maior*, com roteiro original, pouca coisa havia sido filmada por aqui no gênero, e praticamente nada a partir da literatura. A primeira adaptação literária que acontece no Estado também é de Sylvio Back, que em 1971 lançou o longa-metragem *A guerra dos pelados*, baseado no romance *Geração do deserto*, do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi. No boom “superoitista”, que marca a transição dos anos 1970 para os 1980, onde pouca coisa teve origem literária, um dos destaques é a versão não autorizada do conto “O besouro”, de Dalton Trevisan, realizada pelo cineasta argentino Hugo Mengarelli, radicado em Curitiba. O filme assinala a estreia no cinema do ator Luís Melo, hoje consagrado nacionalmente. Ainda na fase do Super 8, realizei o curta-metragem *Escuro maravilha*, livremente inspirado num poema de Jor-

ge Luis Borges, e Nivaldo Lopes filma *Pela porta verde*, a partir de um conto do mineiro Roberto Drummond.

No começo dos anos 1980, Rui Vezaro também filma uma versão não autorizada do conto “Casa iluminada”, de Dalton Trevisan. Por conta de problemas de direitos autorais, o filme tem seu título alterado para *Noturno*. Dessa época o ponto alto é o trabalho de Valêncio Xavier, criador da Cinemateca de Curitiba, que produz uma das obras essenciais do nosso cinema, uma livre adaptação do poema “O corvo”, de Edgar Allan Poe, em tradução originalíssima de Reynaldo Jardim, declamada em *off* no filme por Paulo Autran.

Os anos 1990 trazem um aumento da produção local, graças às leis de incentivo, mas ainda assim poucas adaptações acontecem, os cineastas que filmam nesse período dão preferência a roteiros originais, alguns vagamente inspirados em outras fontes, como meu filme *Os desertos dias*, que tem como ponto de partida um conto de Borges. É nessa década que Estevan Silvera inicia uma série, que prossegue até os dias atuais, de filmes adaptados com a autorização oficial de Dalton Trevisan, sendo que o maior destaque é *Balada do vampiro*, codirigido por Beto Carminatti. Carminatti, por sua vez, é o nosso mais prolífico adaptador literário, tendo levado às telas obras de Fernando Pessoa, Georg Büchner, Dalton Trevisan, Paulo Leminski e Valêncio Xavier, em duas codireções com Pedro Merege, o curta *O mistério da japonesa* e o longa *Mistérios*. Também transformou em filme seu pró-

*Guerra conjugal*, filme de Joaquim Pedro de Andrade baseado na obra homônima de Dalton Trevisan.



Valêncio Xavier teve o seu *O mez da gripe* levado ao cinema por Pedro Merege e Beto Carminatti.



prio livro de poemas *Mapa imundi*.

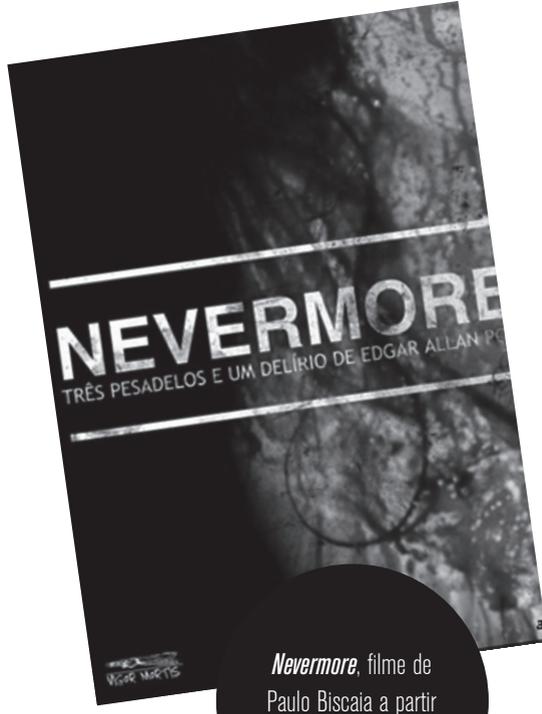
Um fato novo na produção paranaense deste milênio é o surgimento de uma nova geração de realizadores que estudam cinema no Curso de Cinema e Vídeo da Faculdade de Artes do Paraná, também conhecido como Cinetv-pr. Dentre esses jovens, Adriano Esturilho é um dos poucos a transitar entre a literatura e o cinema, com vários de seus contos transformados em curtas, sob sua direção ou de outros cineastas locais. No início dos anos 2000, Luciano Coelho dirige uma adaptação de um conto de Marcel Proust, “O fim do Cíume”, e recentemente filmou um conto de Machado de Assis. Na produção atual bebem de fonte literária o longa em episódios de Paulo Biscaia, *Nevermore — Três pesadelos e um delírio de Edgar Allan Poe*, e a curiosa obra que o londrinense Rodrigo Grota realiza a partir de uma criação de seu conterrâneo Rodrigo Garcia Lopes, biografando um poeta fictício em *Satori Uso*.

Os escritores paranaenses contemporâneos raramente tiveram obras adaptadas por cineastas locais, mas diversos deles têm livros roteirizados para projetos ainda em fase de desenvolvimento por realizadores do Estado, entre eles Miguel Sanches Neto, Fábio Campana, Roberto Gomes e Domingos Pellegrini. Cristovão Tezza e Pellegrini têm obras com direitos adquiridos por produtores nacionais que devem ser filmadas em breve. O constante crescimento dos mecanismos de financiamento para a realização de filmes no Brasil, possivelmente vai aumentar o número de escritores do Paraná que terão seus livros transpostos para a linguagem cinematográfica. ■

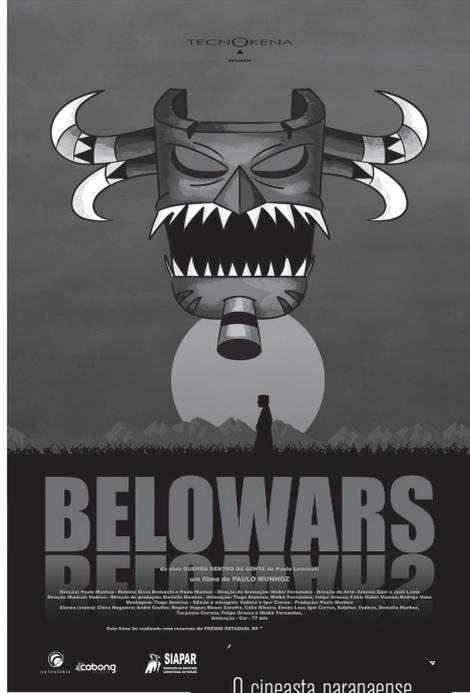
**Fernando Severo** é cineasta e diretor do Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR). Dirigiu o longa-metragem *Corpos celestes* e os curtas *Visionários* e *Os desertos dias*. Vive em Curitiba (PR).



O experimental romance *Catatau*, de Paulo Leminski, foi adaptado por Cao Guimarães, em 2010.



*Nevermore*, filme de Paulo Biscaia a partir de contos de Edgar Allan Poe.



O cineasta paranaense Paulo Munhoz filmou *Belowars*, baseado na obra infantojuvenil *Guerra dentro da gente*, também de Leminski

# Roteiro com pedigree

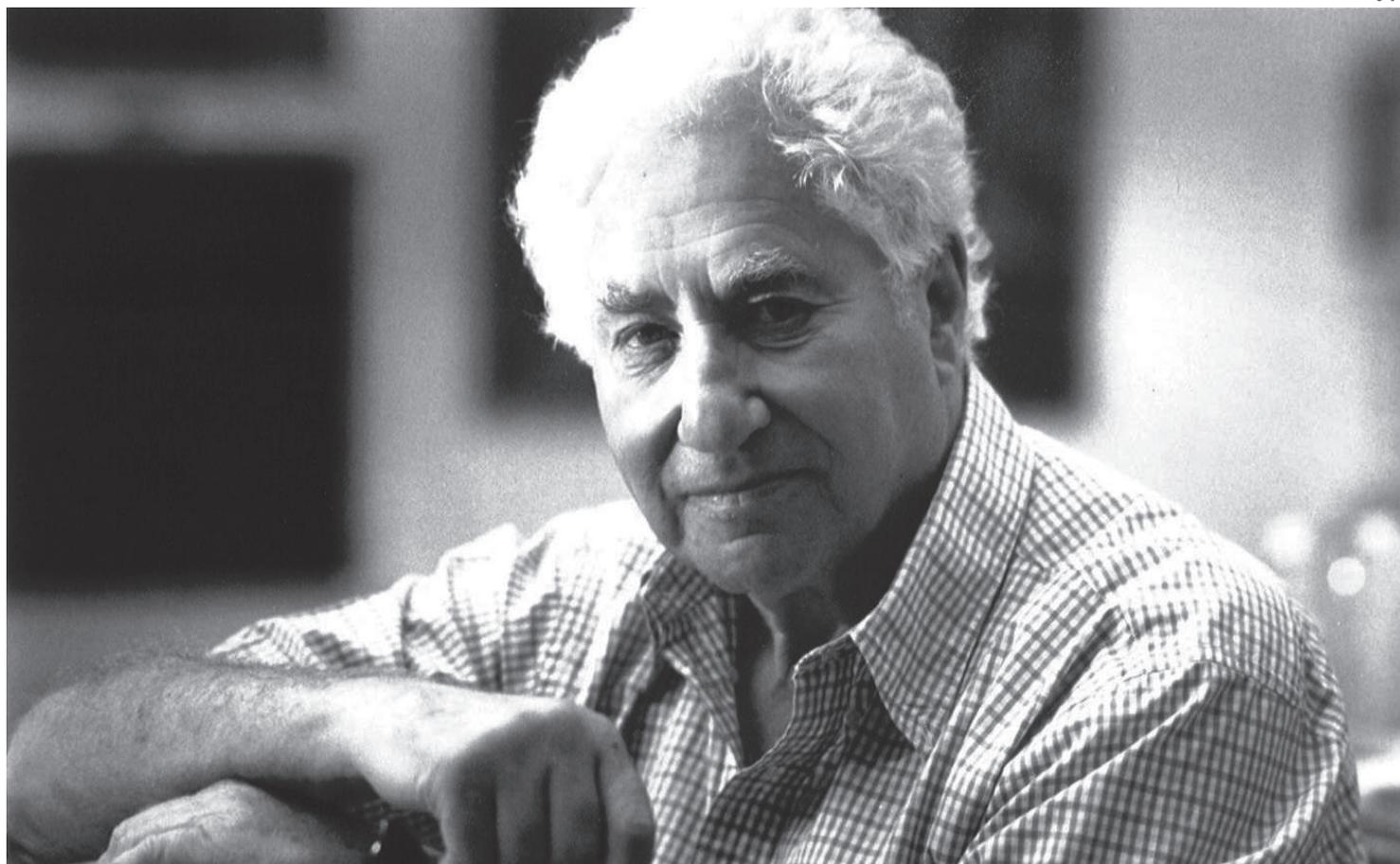
Como forma de sobrevivência ou de divulgação de suas obras literárias, grandes romancistas colocaram seu talento a serviço do cinema

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Ao ser apresentado a William Faulkner, o ator Clark Gable, o grande nome de Hollywood nos anos 1930, teria perguntado ao escritor: “Muito bem, senhor Faulkner, o que o senhor faz para viver?”. Ao que o escritor teria respondido: “Eu escrevo romances. E o senhor?”. A resposta do escritor traz em sua gênese mais do que sarcasmo. Roteirista de Hollywood, Faulkner recorria à indústria do cinema quando sua situação financeira estava tão caótica quanto sua instável saúde mental, quase sempre abalada pelo excesso de álcool. Faulkner, assim como diversos outros escritores, se valeu da íntima — e nem sempre harmônica — relação entre literatura e cinema para não apenas arranjar trabalho, mas também para divulgar sua obra romanesca, amplamente adaptada para a telona.

Nos Estados Unidos, por conta da influência de Hollywood, muitas gerações de romancistas migraram para o roteiro, alguns deles com colaborações que entraram para o cânone cinematográfico, e outros cuja passagem pela indústria se tornou apenas uma nota de rodapé em suas biografias.

Faulkner iniciou sua carreira como



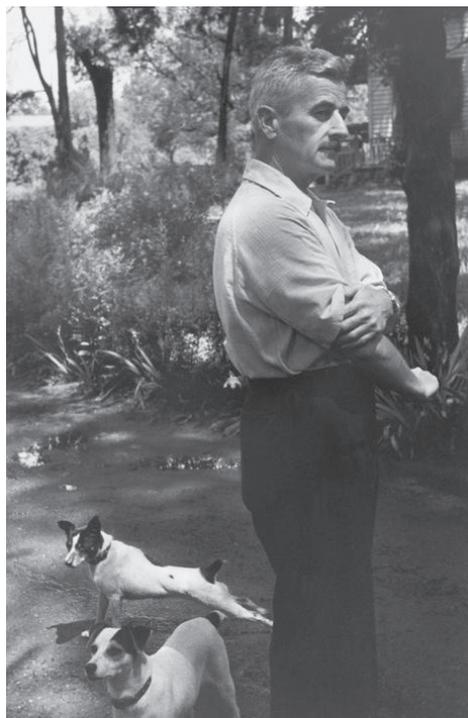
Budd Schulberg escreveu dois romances brilhantes, mas passou para a história como “o roteirista de *Sindicato de ladrões*”, de Elia Kazan.

roteirista ainda nos anos 1930, a década mais fulgurosa de sua prosa, quando escreveu livros seminais como *O som e a fúria* (1929), *Luz em agosto* (1932) e *Palmeiras selvagens* (1939). Mas foi nos anos 1940 que o escritor emplacou seus principais roteiros, como *Uma aventura na Martinica* (1944) e *À beira do abismo* (1946), ambos dirigidos por Howard Hawks.

A parceria de Hawks e Faulkner não é algo isolado. Diferentemente do romance, que se caracteriza por ser uma criação individual, o roteiro, em geral, é uma obra coletiva e não subsiste como peça independente. Daí as parcerias entre diretores e escritores-roteiristas.



“Geração Perdida”: Hemingway e Fitzgerald também escreveram roteiros em Hollywood.



Um dos maiores romancistas americanos, William Faulkner também teve destaque em Hollywood, como roteirista.



Uma das mais célebres duplas de diretores/roteiristas do cinema: Federico Fellini e Tonino Guerra

“Há grandes roteiristas, muito respeitados e valorizados por seu trabalho, mas geralmente são associados a algum diretor. Alguns exemplos célebres são: Jean-Claude Carrière, visto sempre como ‘o roteirista de Buñuel’, embora tenha trabalhado também com Milos Forman, Andrzej Wajda, Peter Brook e até Godard — que geralmente fazia seus próprios ‘não-roteiros’ —; Tonino Guerra, o ‘roteirista de Fellini’; I. A. L. Diamond, ‘o roteirista de Billy Wilder’, etc”, explica o crítico da *Folha de S. Paulo* José Geraldo Couto.

Além dos escritores da chamada “Geração Perdida”, como Francis Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, Hollywood abrigou um time destacado de autores, que inclui nomes como John Fante, Truman Capote, Gore Vidal, Ray Bradbury, John Steinback, David Goodis e Norman Mailer. Todos romancistas de ofício que deixaram marcas na história do cinema americano.

Vidal, por exemplo, escreveu o polêmico *Calígula* (1979) e teve uma

participação no roteiro do clássico *Ben-Hur*, mas esses trabalhos nunca obtiveram a mesma repercussão de sua obra como dramaturgo e romancista. No que Vidal não está sozinho. Truman Capote, seu maior adversário, apesar de ter no currículo os célebres roteiros de *O diabo riu por último* (1953), filmado por John Huston, e *Os inocentes* (1961), de Jack Clayton, entrou para a história por conta de sua prosa, em especial pelo romance *A sangue frio* (1966). O mesmo aconteceu com John Fante, que dedicou grande parte de sua vida a escrever roteiros, foi colega de Fitzgerald em Hollywood, mas nenhum dos filmes que ajudou a fazer conseguiu eclipsar *Pergunte ao pó*, o romance que influenciou várias gerações de leitores e escritores.

“Pelo fato de não ter uma obra material autônoma, já que o roteiro não subsiste como peça independente do filme — mesmo que seja publicado em livro —, o roteirista é visto como um profissional, digamos, acessório, atrelado e submetido a um projeto maior”, especula Couto.

Já Budd Schulberg é um ponto fora da curva entre roteiristas-escritores, seguindo caminho inverso da trajetória da maioria de seus colegas. Schulberg escreveu dois romances sensacionais sobre os bastidores de Hollywood, *O que faz Sammy correr* e *Os desencantados* (este último inspirado na vida de Fitzgerald), mas teve seu nome eternizado pelo roteiro de *Sindicato de ladrões* (1954), o filme de Elia Kazan que ganhou oito estatuetas do Oscar.

### Cinema brasileiro

Em 2010, o escritor Robert McKee, um dos principais consultores de roteiros de Hollywood, afirmou que o principal problema do cinema brasileiro é a falta de roteiristas. Para ele, a classe no país é norteadada pela adaptação de romances literários.

“[O que falta é] o roteiro. Vocês têm ótimos atores, ótimos diretores, vocês têm tudo que os melhores países têm. Se um filme no Brasil é bom, ele geralmente é a adaptação de um livro. Muitas vezes o

cinema brasileiro tem que esperar escritores fazerem bons livros que podem ser adaptados. Precisa parar de se ‘canibalizar’ os romances”, falou McKee, em entrevista à *Folha de S. Paulo*.

Talvez a falta de uma indústria cinematográfica no Brasil possa explicar a constatação de McKee, pois aqui os escritores contribuíram mais com o cinema nacional cedendo os direitos de seus livros do que efetivamente escrevendo roteiros originais. Desde a chamada “retomada” do cinema brasileiro, em 1995, nossos grandes sucessos vieram de livros. É só pensar em *Carandiru*, *Tropa de elite* e *Cidade de Deus*, os dois últimos roteirizados por Bráulio Mantovani, que também é romancista e dramaturgo, mas mais conhecido por suas colaborações no cinema. “O problema, no Brasil, é que os roteiristas de cinema ganham pouco. O esforço pode não valer a pena”, opina Mantovani, que começou a escrever seu primeiro romance, *Perácio*, dois anos antes de iniciar a primeira versão de *Cidade de Deus*, lançado em 2002. O livro de Mantovani, no entanto, só seria publicado em 2010, quase dez anos depois de ser iniciado.

“Ser um grande escritor de romances não qualifica ninguém como escritor de filmes. Um excelente escultor pode ser um pintor medíocre e vice-versa, mesmo ambos sendo artistas plásticos. A forma do drama não tem nada a ver com a forma da prosa, seja do romance ou do conto. Esse fator é tão decisivo quanto o financeiro”, diz Mantovani.

José Geraldo Couto concorda, citando Faulkner e Fitzgerald, que “não alcançaram no cinema a excelência e o caráter autoral, intransferível, de suas obras literárias”. Mas o crítico lembra de Marçal Aquino, que tem uma importante obra literária, mas que também consegue êxito como roteirista de seus próprios livros e de outros escritores. “Aquino é um excelente escritor, mas certamente alcança um público maior como roteirista dos filmes de Beto Brant ou de séries de TV.” ■

# O cânone nas telas

Fotos: Divulgação



Guimarães Rosa e Graciliano Ramos deixaram um legado que instiga cineastas, jornalistas e tradutores.

Entre adaptados e adaptáveis, clássicos da literatura aparecem como uma das principais fontes de inspiração de cineastas

FELIPE KRYMINICE

Recentemente, do fundo do baú de Fernando Pessoa surgiu uma novidade que foge do roteiro pronto da trajetória literária da maioria dos autores clássicos: Pessoa, considerado um dos escritores mais importantes da língua portuguesa, escrevia roteiros para cinema, conforme revelou o trabalho de pesquisadores que vasculham o espólio do poeta. Além de pretensão roteirista, também tinha projetos comerciais envolvendo o cinema: pretendia criar uma produtora, chamada *Ecce Film*.

E flertar com a sétima arte parece não ser uma exclusividade do poeta português. O autor russo Vladimir Nabokov não só autorizou a adaptação cinematográfica de algumas de suas obras, como foi dele o *script* da primeira versão para o cinema de *Lolita*, seu mais conhecido romance, produzido em 1962.

Jorio Dauster, tradutor de várias obras do autor russo, conta que Nabokov era um entusiasta do cinema e fã das comédias de Buster Keaton, Chaplin, Harold Lloyd e Marx Brothers e Laurel e Hardy.

“Para mim, as melhores adaptações são aquelas que respeitam a essência do material literário”,

Marden Machado, crítico de cinema.

Além dos trabalhos realizados, Dauster acredita que um outro romance do escritor russo poderia render um excelente produto: “Um de seus romances mais difíceis e complexos — *Ada ou Ardor* —, que cuida de um amor incestuoso que se estende por décadas, daria um filmaço se algum gênio tivesse a capacidade de extrair a trama central sem conspurcar toda a rica paisagem imaginativa em que ela se insere”.

O tradutor também cita o outro lado da moeda, revelando que escritor norte-americano J. D. Salinger, autor de *O apanhador no campo de centeio*, um dos romances mais vendidos de todos os tempos, tinha aversão à possibilidade de adaptação de sua obra, recusando sistematicamente os convites que foram feitos, até sua morte, em 2010, aos 91 anos idade. E os pedidos não foram poucos: Samuel Goldwyn, Billy Wilder, Marlon Brando, Jack Nicholson e Leonardo DiCaprio foram alguns astros de Hollywood que tentaram, sem sucesso, convencer o escritor.

“Na raiz dessa ojeriza, por conta da qual Salinger deixou de ganhar várias dezenas de milhões de dólares, estava a melodramática versão de seu conto *Tio Wiggily em Connecticut*, produzida por Samuel Goldwyn em 1949 com o título de *My Foolish Heart* e que, apesar de estrelada por Susan Hayward e Dana Andrews, deixou o autor furioso e foi um fracasso de bilheteria”, explica.

Dauster ainda conta que, entre os clássicos adaptados e adaptáveis, tem vontade de ver uma nova criação cinematográfica de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. “Soube que já teve uma versão cinematográfica há quase cinquenta anos. Está na hora de algum grande cineasta recriar Riobaldo e Diadorim naquele sertão-zão de um Brasil profundo ameaçado de morte pelas novelas urbanas.”

### O livro é sempre melhor?

Com a constante produção de filmes baseados em clássicos da literatura, surge uma espécie de sadia e involuntária

rivalidade. Produções inspiradas em autores consagrados como José Saramago (*Ensaio sobre a cegueira*), Umberto Eco (*O nome da rosa*), George Orwell (*A revolução dos bichos*), Truman Capote (*A sangue frio*), Ernest Hemingway (*O velho e o mar*), William Faulkner (*O som e a fúria* e *O intruso*), além de filmes shakespearianos, invariavelmente despertam no leitor e espectador a dúvida de qual criação teve um resultado melhor.

Para o jornalista Sérgio Augusto, toda obra-prima literária é superior à sua versão cinematográfica, por melhor que esta possa ser. Superioridade essa atribuída a uma estética mais bem-sucedida. Mais do que isso, Augusto ainda defende que alguns livros deveriam permanecer intocados pela sétima arte. “Certas obras literárias, por sua extensão e complexidade, deveriam permanecer intocadas pelo cinema. Para que adaptar Proust, James Joyce ou mesmo Dostoiévski? É um desafio excitante, reconhecido, mas em geral fadado ao fracasso, com raríssimas exceções. Clássicos da literatura dispensam o aval do cinema”, opina.

A exemplo de Dauster, Augusto também revela ter vontade de ver uma adaptação de outro grande clássico da literatura brasileira: *Angústia*, de Graciliano Ramos — que há um bom tempo figura na lista das obras mais tentadoras e sedutoras quando o assunto é a transposição da literatura para as telonas.

Nelson Rodrigues e Jorge Amado são os exemplos mais óbvios de que a rica produção literária brasileira também aparece como fonte de inspiração para diretores e cineastas. A obra literária dos dois autores acabou repercutindo em outros formatos, criando uma estreita relação com produções audiovisuais, conforme mostra a matéria “Amados pelo cinema” (na página 18 desta edição).

Para além do autor baiano e do dramaturgo pernambucano, o cinema brasileiro se valeu de outros nomes da

literatura nacional, como José de Alencar (*Senhora e Iracema*), Mário de Andrade (*Macunaíma*), Aluísio Azevedo (*O cortiço*), Euclides da Cunha (*Os sertões*) e Lima Barreto (*Triste fim de Polícarpo Quaresma*).

### Clássicos intransponíveis

Por mais recorrente que a literatura tenha sido enquanto fonte de inspiração para a produção cinematográfica, a questão levantada por Sérgio Augusto acerca da dificuldade de transpor certos livros para a linguagem cinematográfica, sempre ecoa entre cinéfilos e literatos: existe clássico intransponível para as telonas?

Para o crítico de cinema Marden Machado, não. Ele acredita que parte dessa possibilidade pode ser atribuída à qualidade de algumas produções pontuais. “Até assistir ao trabalho dirigido pelo Luiz Fernando de Carvalho, eu achava que não seria possível produzir um filme inspirado no livro *Lavoura arcaica*, de Raldan Nassar. O mesmo vale para *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, que foi belissimamente adaptado por Peter Jackson”, avalia o crítico.

Por mais sofisticados que sejam os recursos utilizados nas produções audiovisuais, traquitanas cinematográficas à parte, o crítico destaca que o principal



Tudo vale a pena: até Fernando Pessoa flertou com a sétima arte. Pesquisadores encontraram em seu espólio roteiros assinados pelo poeta

continua sendo a boa e velha literatura: “Para mim, as melhores adaptações são aquelas que respeitam a essência do material literário”, pondera Machado. ■



De Marlon Brando a Leonardo DiCaprio, incluindo Jack Nicholson, foram muitos os pedidos para levar ao cinema *O apanhador no campo de centeio*. Salinger disse não a todos.



# CORÉ ETUBA: TATI KÉVA!

*Do Correio Simples 29/08/2012*

EM TRÊS ANOS CURITIBA SERÁ A  
MAIOR MEGALÓPOLE DO GLOBO

Pela proximidade com belas praias, pelo peculiar clima trópico-mediterrâneo e, sobretudo, pelo caráter efusivo de seu povo, nossa linda Curitiba se transformou na cidade com o mais alto índice de CD (Crescimento Desenfreado) da América Latina. Entre as cidades mais populosas do planeta, ao lado de Seul e Bombaim, Curitiba vive a realidade apocalíptica das grandes aglomerações.

Gigantesco complexo urbano — único tecnopolo do País — Curitiba é sinônimo de caos e violência, que se intensificaram a partir de 1970, com o êxodo rural, a criação do primeiro metrô biarticulado telepresencial do Universo e, principalmente, com a chegada do movimento *hippie* à Cidade. Macrometrópole, tanto em aspectos culturais, quanto em aspectos sócio-ergonômicos, Curitiba sofre com a favelização, os congestionamentos e a criminalidade, mas também tem aspectos positivos como... (cont. p. 07)

CUIDADO: Curitiba está cheia de HIPÓCRITAS. Se você é um Mocinha da Cidade NÃO se CONFORME com as IMITAÇÕES do sistema. Compras só no SHOPPING. Seje ORIGINAL.

Confere dinheiro e sombrinha na bolsa e, então, fecha o portãozinho. Andar rápido, porque a cidade está infestada de desavergonhados. Só vai sair porque tem que comprar o sapato para o baile. Está aborrecida, em função dos acontecimentos.

— Bom dia, Dona Cidália! Indo passear no Centro?

— Bom dia, Alva! Vou dar um pulinho ali n'A Vencedora Calçados. Sábado é o baile de debutante da minha neta, a Anita, filha do José Américo.

— Vi a vitrine: uns lindos! A Palmira vai lhe mostrar.

— Dá medo de andar por aí, com estes détraqués soltos...

— E nós aqui, com o açougue aberto! Curitiba foi tomada por estes hippies! A Lourdes, do Magazin, está fechando mais cedo. Só a Tipografia Miranda fecha depois das seis.

— Moços de cabelo comprido e de bolsa!!

— Pois domingo fui à Missa do Padre Gustavo e fiquei a-pa-vo-rada. Tomaram a Praça Garibaldi. E colocam os artesanatos no chão para vender!! É “prafrentex”!

— Tenho ido mais tarde, na do Padre Affonso. Tem mais gente. Evito circular ali com estes comunistas da tal Feirinha!

— Nem banho tomam!

— Nem me diga! Ah, se chegar o bacalhau me avise, por favor. Lembranças ao Seu Aldo.

## Treta entre tribos termina em caos generalizado, em Curitiba

29/08/2012 - 23h09 | do Correiomatinal.com  
Por AGAPANTO TCHUKORKOWSKI JR.  
Diretamente do São Francisco

Uma briga entre *franks*, *badaladeiros* e *slims* terminou com um membro arranhado feiamente próximo à região do olho e um vaso, da Municipalidade, trincado na noite de ontem. De acordo com a Guarda do Bairro, adolescentes *slims* estavam calmamente sentados num banco da Garibaldi's Square, em frente ao tradicional Flower's Clock, quando iniciou-se o confronto com um grupo de adolescentes *franks*, que calmamente passava pelo local. Subentendendo que seus inimigos haviam se unido para atacá-los, adolescentes *badaladeiros*, que circulavam por ali, reagiram.

O Inspetor da GB, Ivo Sá, encontrou um dos *franks* (Lírio Pina, 37, estudante) estatelado no chão com lesão no supercílio. O segurança de um bar da região esclareceu que o mesmo não fora ameaçado pelos inimigos, tendo escorregado por si e ferido o próprio olho contra a calçada, que se encontrava cheia de grimpas. A vítima, removida para o Hospital, já recebeu alta.

Os envolvidos se prontificaram a ser presos e responder inquérito, mas um deles, Thyagho Tiffa (29), tentou fugir porque estava atrasado para uma comemoração familiar. Em um terminal de ônibus próximo dali, os guardas conseguiram deter o jovem, que teve que responder a várias perguntas em público, mas não se atrasou para o evento.

Entre os confrontistas três eram fumantes, três não estavam alcoolizados, três estudavam no mesmo colégio e três portavam faca, canivete ou estilete de plástico imitando originais. Ao final, descobriu-se que não havia *badaladeiros* no local, e que tudo fora um equívoco provocado pela passagem, no exato momento do conflito, de um Caminhão de 'Lixo que Não é Lixo' Municipal, cujo sino soava para indicar que estava na área. Não se conseguiu apurar se a trincadura do vaso público teve relação com o confronto ou se já existia previamente, mas isto será investigado pela delegada de Ações Especiais da 5ª DEPTRUP, Kamilla Fanny Neves.

*Cont. p. 07:* (...) a formação de tribos urbanas.

Tribos urbanas, ou “grupos subculturais”, são micro sociedades cujo objetivo é a “solidariedade do coletivo”. Segundo a socióloga norte-coreana Michelle Raviolli, da Universidade de Nothingdale, elas se estruturam para “o combate contra o tédio existencial.” (RAVIOLLI, *O coletivo posmoderno*, 1953). A convivência grupal reforça o *pertencimento* e estimula novas relações com a tolerância e com o meio ambiente. Contra as formas institucionalizadas de protesto, as tribos valorizam sobretudo a escultura.

### O paraíso é aqui

Dois aspectos históricos demonstram que Curitiba nasceu para o conceito de grupo. O primeiro é seu nome. Como explica o filólogo argentino Juan Rufflo, a etimologia é reveladora: em guarani “Curi”i” significa “pinheiros”, “tib” é um verbo existencial e “ba” é um locativo traduzível por “lugar onde naturalmente se reúnem muitos”; em tupi, “coré” seria “pinheiros” e “etuba” indicaria “ajuntamento” — Curitiba é, portanto, uma “tribo de pinheiros”. O segundo aspecto remonta aos caingangues, nossos primeiros habitantes. Conforme o historiador sérvio Evilásio Afrânio, este povo, que já conhecia as Sagradas Escrituras (transmitidas pelos tcharuítocas do Suriname, que desceram até a bacia do Belém), identificando-se com a causa do personagem bíblico Cain, teria formado, então, a primeira gangue curitibana de que se teve notícia. Vale lembrar que foi do líder caingangue Xim’biica a famosa frase sobre Coré Etuba: “Tá! Tati Kéva! Ha Kantin!” (“Aqui! Aqui ó, é o lugar! Vinde!”) usada para indicar o local ideal à construção do Trevo do Atuba (posteriormente Cidade de Curitiba). Diz a

## EM BUSCA DE CURITIBA | LUCI COLLIN



Ilustrações:  
**Marciel Conrado**

lenda que, neste momento, a estátua de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais sorriu em aprovação ao sítio escolhido.

(...)

Andar pela Trajano Reis é temerário. Na esquina da Padaria Améri- ca uma patotinha, em atitude suspeita, fuma e ri alto. Até moças!

Dona Cidália segue pela rua:

— Como tem passado, Dona Nair?

— Bem, obrigada! E a senhora?

— Nem me fale. A senhora acredita que depois de uma vida na casa em que cresci, e onde criei os meus filhos, vou ter que ir morar com a minha irmã, a Brasília, na Lapa. Soube o que nos fizeram?

— Não!

— Semana passada escreveram em nosso muro: “Fora, milicos...”, em referência ao papai... E grafaram uma

obscenidade. São estes hippies!

— Que despautério!!

— E o pior nem lhe contei: defecaram próximo ao portão!

— Santa Efigênia!

— O José Américo e o José Ary, preocupados, decidiram vender a casa.

— Pois a Getúlia, dos cristais, aqui na Trajano mesmo, me contou que tem medo de que invadam a loja. E na Funerária Stephan já estão trancados; só o aviso: Toque a campainha e aguarde...

— O Seu Arno, das Tintas Iwersen, comentou o mesmo. Até a Bianca Bianchi, que viveu na Europa tantos anos, disse que está passada com esta violência da região!

— Até a Dona Bianca?! Violinista internacional!

— Eu queria comprar um traje n’A Modelar, mas não tenho coragem de cruzar a Praça Garibaldi!

— Melhor não ir só! Ontem voltávamos da Novena e um barbudo, aqui na Duque de Caxias, gritou: “Paz e amor, bicho.” Que aflição!

— Vou só esperar o Finados, visitar o túmulo da mamãe no Cemitério Municipal e depois me mudo.

— Quem diria? Tal devassidão!

(...)

A “Capital das Araucárias” lidera hoje o ranking das cidades mais visitadas da Terra, seguida por New York e Paris. Afinal, todos querem desfrutar dos internacionalmente conhecidos Parques curitibanos: são mais de cinco zonas de puro lazer e adrenalina. Simbolizando a integração do nosso povo, cada parque homenageia uma das tribos urbanas mais representativas de Curitiba. E por falar em tribos, conheça as que mais se destacam:

a) *Os Mocinbas da Cidade* — caracterizam-se pelo extremo bom gosto ao vestir-se; usam roupinhas de *griffé* e são

*fashion*. Com o lema “O shopping é meu lar”, influenciaram várias tribos do mundo, como os *True Blondies*, de Beverly Hills.

b) *Os Árticos* — inspirados no clima curitibano, são identificáveis pelas roupas totalmente brancas. Descendem dos moradores da região setentrional da cidade, onde, outrora, nevava muito; com o degelo galopante da região migraram para outros bairros. Comunicam-se apenas pelo olhar e não têm lema.

c) *Os Franks* — sua aparência dócil deriva da ideologia do grupo: “Seja franco!” Primam pela simplicidade e costumam cantarolar canções de amor cortês. Abominando subterfúgios linguísticos e metáforas, comunicam-se por denotação.

d) *Os Badaladeiros* — usando piercings em forma de sinos, se reúnem para soar. Seu lema: “Boas Festas!” Regadas a suco de cajú e marcadas pelo som intenso das badaladas, suas festas treinam o cidadão para suportar a po-

luição sonora das megalópoles.

e) *Os Slims* — identificam-se com a ideia de estrutura fina e elegante. Suas roupas são desenhadas para alongar a silhueta. Consomem exclusivamente produtos de emagrecimento e inspiram-se em aparelhos eletrônicos com tela de LCD.

Profusão de culturas, de panelinhas, de muvucas — isto é Curitiba! Agora, para entender bem, veja abaixo o infográfico populacional sobre a cidade hoje e daqui a três anos:

**Kymerlon, voltando pra casa: Shit! Vou mudar de calçada. Um Ártico! Se encarar vou meter porrada.**

**Kauíque, voltando pra casa: Fuck! Vou mudar de calçada. Um Mocinha! Se encarar vou moer ele.**

Dona Cidália, voltando para casa: Santíssimo! Vou mudar de calçada! Um mal encarado! Valha-me Nossa Senhora da Luz dos Pinhais! ■

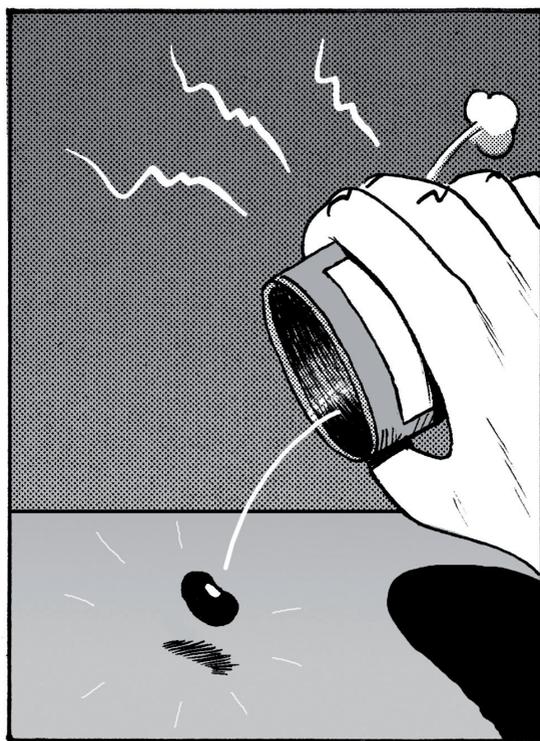


**Luci Collin** (Curitiba, 1931), descendente dos autóctones do Primeiro Planalto Paranaense, é autora de *Palimpsestos curitibanos* (vilancetes) e *Pentimentos curitibanos* (epitalêmios). Também já publicou duas vezes em jornais da Capital.

## POEMA | ANTÔNIO THADEU WOJCIECHOWSKI



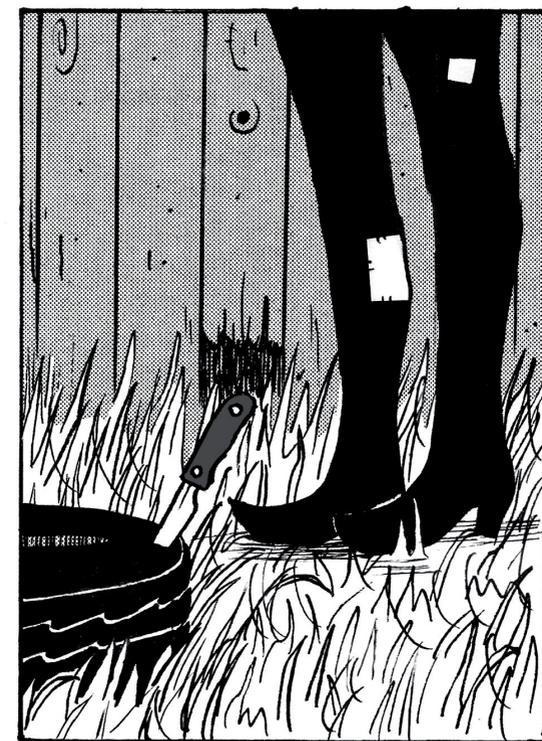
Ilustrações:  
**Diego Gerlach**



## enquanto é tempo

ninguém foi ver se eu estava na esquina  
ou se, pelo menos, minha palavra estava  
e dizia a que veio  
batendo de frente  
de perfil  
de quina  
a poesia é um escândalo  
atrás do outro  
o poeta, um bando  
movido a cicatriz  
e perdigoto  
misto de mártir e meretriz  
um poço  
um passo  
carne de pescoço  
alma que foi pro espaço  
todo santo dia  
morre um de tanto beber  
outro de atrofia  
poucos de tanto escrever  
muitos que ainda iriam ser  
e não foram nem sombra  
do que poderiam ter sido  
ah! não farei um último pedido  
a vida é um não sei  
e a gente sabe  
que é de lei  
usar antes que acabe  
antes que o peito  
como um pneu furado  
se esvazie, de tal jeito,  
que o coração  
ainda vivo  
seja prensado, paralisado  
sem emoção  
sem motivo  
sem ar  
sem ter conjugado  
na primeira pessoa  
o verbo amar

 **Antônio Thadeu Wojciechowski** tem mais de duas dezenas de livros, em prosa e poesia, publicados por seu próprio selo, a Lagarto Editores. Letrista e compositor, é autor de algumas centenas de músicas, algumas delas gravadas pelas bandas Beijo AA Força e Maxixe Machine. Vive em Curitiba (PR).



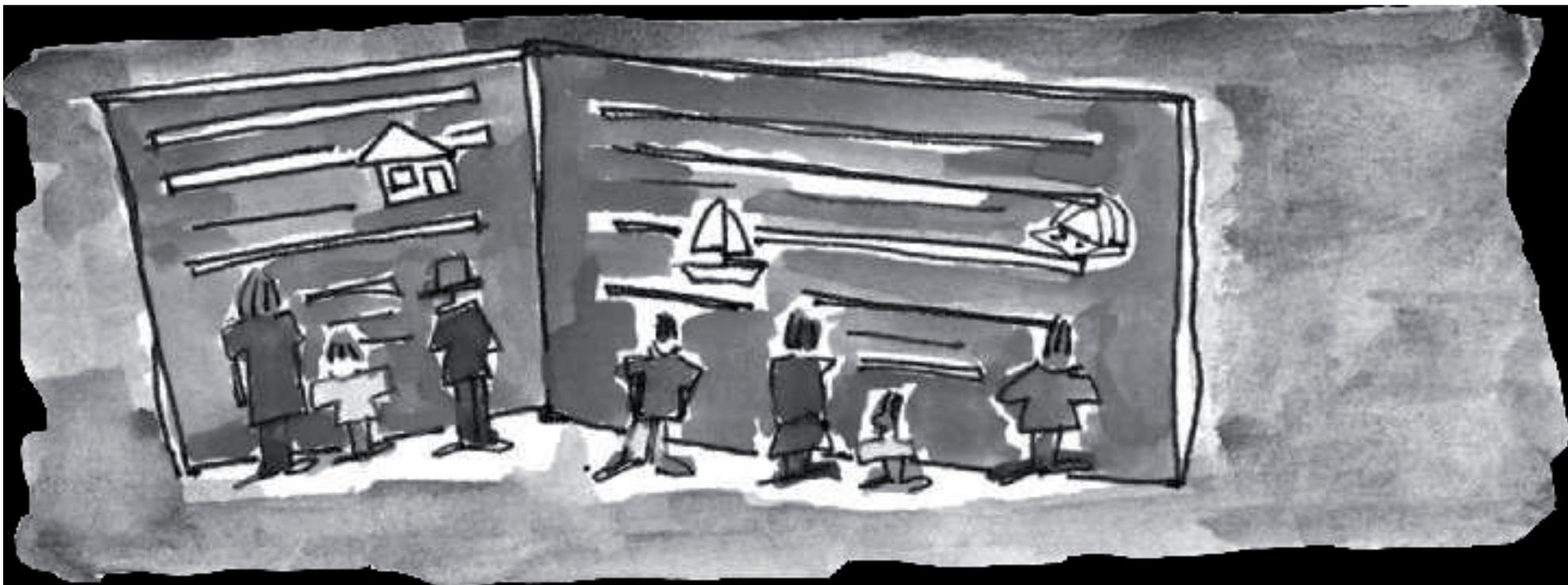


Ilustração: **Rita Solieri**

# A BIBLIOTECA DA ESCOLA: SILÊNCIOS E BURBURINHOS

**P**ara jovens moradores de cidades periféricas de Paris com altos registros de violência e prognósticos de vida limitados, a frequência a bibliotecas tem desvendado outras vidas possíveis, descortinadas no deslocamento propiciado pelas ficções, que acenam com riscos diversos para as existências pessoais. Michèle Petit, em *Os jovens e a leitura*, pesquisa desenvolvida com recursos públicos, leva-nos ao coração da biblioteca. Em seu pulsar, podemos auscultar algumas cenas.

## **A cena antológica em *Asas do desejo*, filme de Wim Wenders**

Dois anos sobrevoam Berlim Ocidental, no final dos anos 1980. Transitam invi-

síveis por entre os humanos, observando seus comportamentos, conferindo o consolo de um toque corporal — tudo o que podem fazer. Ao sobrevoar a Biblioteca de Berlim, ouvem o burburinho singular, que os leva a entrar e ver os leitores debruçados sobre os livros abertos, ruminando suas leituras, ouvindo as vozes que emanam das obras.

Apesar de Proust nos dizer que a leitura não é uma conversa, a metáfora da voz em silêncio dentro de um livro, e libertada no momento da leitura, é bastante forte na cultura ocidental e alimenta o imaginário do leitor, tal qual a representação do cineasta Wim Wenders evidencia.

## **A cena do castigo escolar**

No corredor de um colégio há três meninos de castigo. Um deles chora. A jovem universitária, que aí desenvolve um

projeto de leitura de literatura, pede licença ao inspetor para levá-los para a biblioteca, e começa a ler para eles um texto sobre poesia, castigos escolares, amizades juvenis. O garoto que chora diz que não quer saber de nada. Ela compreende, mas continua a ler para os outros que não só gostam de ouvir a leitura, como, evidentemente, preferem essa situação àquela de ficar em pé no corredor. De repente, um dos garotos critica a forma como a moça lê, você está representando muito, diz. Devia ser mais natural, continua. E vai tecendo considerações que são interrompidas pelo colega que não queria saber de nada. Gosto como ela está lendo, deve ser desse jeito, com emoção — disse, sustentando a conversa, trazendo outros elementos para fundamentar sua opinião.

### Na creche, os monstros dentro dos livros

São três crianças, entre quatro e cinco anos, na biblioteca da creche de uma universidade pública. Duas estão sentadas em um banco, outra de pé, mas todas com livros nas mãos ou sobre as pernas. Livros de monstros. A criança que está de pé aponta os monstros de seu livro para os colegas: risos, gritinhos, cara escondida, medos. (Os livros, com seus monstros, continuam abertos.) O pequeno bibliotecário estava entusiasmado e falava alto, dava pequenos gritos.

A bibliotecária a postos vem, então, conversar com ele. “Você não acha que está fazendo muito barulho? Sabe onde nós estamos? Então? O que é que podemos fazer? Não acha que pode falar mais baixo?” — intervém.

Olhei em volta: na biblioteca estávamos as três crianças, a bibliotecária, uma auxiliar e eu. Quem se incomodava com os gritinhos dos dois e a voz exaltada do narrador? Como ler os monstros sem fazê-lo em voz alta, bem alta, exor-

cizando-os? Como ver as coisas terríveis sem rir de nervoso, gritar de medo?

### De frente para as cenas, construindo sentidos

Em um dos filmes mais importantes do final do século XX, Wim Wenders investe na imagem da biblioteca como espaço de vozes que se entrecruzam, numa alegoria à polifonia presente na leitura, desejável e possível apenas em tempos de democracia e liberdade. Essas muitas vozes que se cruzam em efeito harmônico podem mostrar-se na época em que a cidade de Berlim está prestes a se reinventar. Com a derrubada do Muro, a biblioteca pode liberar os burburinhos que sempre estiveram lá e não podiam se manifestar.

A liberação do controle de comportamento na biblioteca encontra no último quarto do século XX um espaço de discussão, provocando mudanças nas maneiras de ler. A partir da análise de obras de Norbert Elias sobre civilização dos costumes, Roger Chartier observa como, entre os séculos XVI e XIX, se efetuou a regulação e o controle sobre os comportamentos nas bibliotecas. Se o “[...] lugar de leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano — aqueles onde se pode beber, conversar e jogar” (CHARTIER, 1999, p. 78), a história das práticas de leitura a partir dos anos 1700, mostra uma história de liberdade na leitura, por meio de representações iconográficas em que o leitor não mais aparece imóvel e isolado no ato de ler.

Muitos comportamentos e perspectivas se modificam, grandes conquistas e grandes perdas são realizadas no curso da história e, nesta segunda década do século XXI, estamos discutindo a biblioteca escolar, em seus valores e comportamentos, considerando sua existência e apropriação por parte

de crianças e jovens, condição essencial para uma educação de qualidade.

Da humilhação e mágoa do menino posto de castigo, na segunda cena, à participação na atividade e avaliação da metodologia de leitura, que percurso percebemos e que relações se mostram possíveis, a partir do espaço da biblioteca?

Evidencia-se a relação de apropriação com o espaço, seja pela ação da bibliotecária, seja pelas leituras que a jovem e suas colegas realizam costumeiramente. A biblioteca está, portanto, bem contornada como lugar de fruição de um patrimônio comum. Aí se podem tomar livros, jornais ou revistas emprestados, pode-se ler em momentos livres, pode-se ouvir a leitura de livros. Mas a modificação acontecida no menino ultrapassa essa percepção. A leitura, obviamente, tira a atenção focalizada na humilhação, e provável injustiça, e leva-a para uma narrativa em que, não por acaso, há descrição de castigos escolares semelhantes àquela de que o menino fora vítima. Quando o colega interrompe a leitura para discutir a maneira pela qual é feita, ele sente-se completamente inserido não apenas na dinâmica do ato de ler ou de ouvir uma leitura, mas descobre-se também posto em relação interpessoal com os presentes. Percebe ser *um eu no outro*, que solicita de forma indireta a resposta dele.

O processo de inserção — o eu em outro —, é fruto do deslocamento causado por aquilo que podemos chamar, com licença poética, de viagem por universos da ficção, ou, se nos ativermos à identificação com os personagens, essa possibilidade de ver-se apanhado e salvo nos dilemas e peripécias de um ser construído de palavras. Este menino humilhado participa, sem o saber, do pensamento de John Adams, coletado por Hannah Arendt: “Se Crusoé tivesse a biblioteca de Alexandria em sua ilha, e a certeza de que

nunca mais veria a face de um homem, será que ele jamais abriria um volume?”

É a certeza do rosto humano a nos mirar que incita ao ato de ler, que permite no outro o reconhecimento do eu como humano. A cena é riquíssima: ciente do rosto humano, sentindo-se um eu no outro, ele se insere na dramatização de uma representação do real, dada pela leitura que ouve, e é chamado a avaliar o nível dessa representação.

Se nossa conversa se alongasse, traríamos o pensamento de Chartier em relação aos constrangimentos presentes na ordem dos livros, mas também a certeza de que o leitor acaba sempre por burlar esses controles. Traríamos pensamentos de educadores que nem sei e que justificam medidas de controle sobre todos os espaços da escola, inclusive e principalmente sobre a biblioteca. Traríamos outros pensamentos de história da leitura para melhor contornar a biblioteca escolar, de que tratamos aqui. De um espaço presente e futuro, como o é todo espaço, além de passado. Do lugar em que muito se pode encontrar, garantido pela única figuração do universal, a letra, no dizer de Kant. É a letra que assegura a transmissão de um pensamento através de todas as dimensões temporais, de todas as dimensões espaciais. Nela se encontra o humano, como enfatiza Jean Rostand, um biólogo que, no início do século XX, se empenhou na divulgação do conhecimento, e que enfatizou em seus escritos o fato de que a civilização humana não reside nas pessoas enquanto seres biológicos, mas está nas bibliotecas, nos museus, nas universidades, como construção de um projeto social. ■

 **Nilma Lacerda** é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora em leitura e escrita e especialista em literatura para crianças e jovens. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Fotos: Divulgação



# Um filho da adversidade

O músico e poeta Rogério Skylab é dono de um vasto repertório literário e filosófico, constituído em meio a um ambiente nada inspirador

OMAR GODOY

Quem só conhece Rogério Skylab “por alto” não imagina o que há por trás de sua excentricidade, humor negro e gosto pelo *trash*. Autor de clássicos do *underground* como “Amo muito tudo isso”, o músico, poeta e agora apresentador do Canal Brasil (onde comanda o *talk show* “Matador de passarinho”) é um leitor obsessivo e autodidata, dono de uma erudição rara no universo da cultura *pop* brasileira. Em pouco mais de uma hora de conversa com a reportagem do **Cândido**, ele cita de Machado de Assis a Heidegger, passando por Apollinaire, Guimarães Rosa e Rubens Figueiredo — sempre com opiniões bem particulares sobre autores e escolas literárias e filosóficas.

Nascido no Rio de Janeiro há 54 anos, Skylab faz questão de dizer que sua formação intelectual se constituiu tardiamente, sempre em meio à adversidade. “Meu pai era advogado e a minha mãe, dona de casa. Eram pessoas absolutamente simples, de classe média. Não faço parte de uma casta de professores, escritores ou tradutores”, conta.

Nesse ambiente familiar pouco inspirador, o primeiro livro que leu foi uma tradução de Monteiro Lobato para

*Robin Hood*, presenteada por uma tia quando ele tinha entre 9 e 10 anos. “Lia todo dia. No último dia, no último capítulo, chorei, pressentindo o fim”, lembra. Ainda assim, o contato com a literatura só foi retomado na adolescência, quando sua irmã mais velha, então recém-aprovada no vestibular para o curso de Letras, apareceu em casa com livros de Machado de Assis e João Cabral de Melo Neto (“Que eu achei chatíssimos, horríveis”).

O ponto de virada aconteceu pouco depois, quando Skylab passou no concurso para estudar no Aplicação, considerado um melhores dos colégios do Rio de Janeiro. Ali, ele se apaixonou por uma professora de português,

“Meu processo de leitura, como diz o Borges, é labiríntico. Preciso descobrir os meus próprios caminhos.”

“ Principalmente a partir dos anos 1990, essa corrente que não diferencia a literatura da vida virou uma praga no Brasil.”

filha do famoso gramático Celso Cunha. Para impressioná-la, e passar de ano sem maiores problemas, levou de casa um texto pronto para usar na prova final de redação, que deveria ser feita em sala de aula. “Foi nessa ocasião que eu agi de má fé pela primeira vez. Aliás, o Sartre dizia que todo escritor age de má fé, pois nunca é absolutamente sincero”, afirma.

Cola à parte, o fato é que a professora ficou tão encantada com a produção do aluno que o apresentou, no Natal, com um livro de Clarice Lispector: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. “Eu já gostava do Drummond e escrevia alguns poemas. Mas foi a partir da leitura da Clarice que eu mergulhei definitivamente na literatura”, revela.

Corta para a vida adulta. Matriculado no curso de Direito, Skylab ignorava a bibliografia recomendada pelos professores e se aprofundava em livros de filosofia. Até ser aprovado num concurso para o Banco do Brasil, trancar a faculdade e iniciar a carreira de bancário numa agência de Maracaju, no interior do Mato Grosso do Sul. “Era como seu estivesse servindo o Exército naquele fim de mundo com uma única rua asfaltada. O único livro que consegui comprar, pelo correio, foi sobre socratismo cristão.”

Depois de dois anos dividido entre a agência, a quadra de futebol de salão e o bar de Maracaju, o artista foi transferido para o Rio de Janeiro. Abandonou o Direito, ingressou em Letras e finalmente entrou em contato com o universo literário. Mas o autodidatismo falou mais alto. “Isso me persegue até hoje. Não consegui ficar refém dos profes-

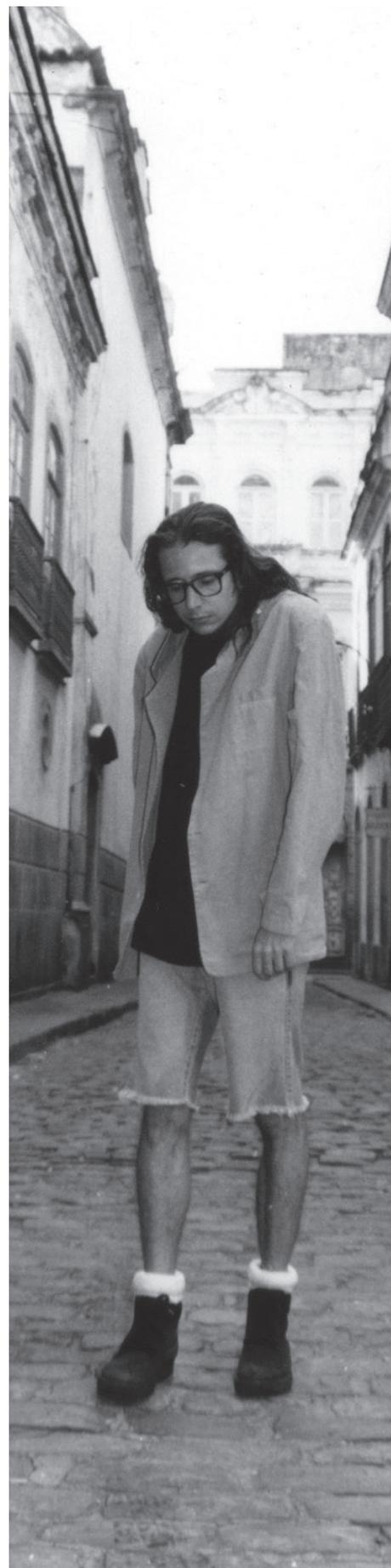
res e resolvi largar Letras também. Meu processo de leitura, como diz o Borges, é labiríntico. Preciso descobrir os meus próprios caminhos”, justifica.

Nessa época, Skylab iniciou um hábito que mantém até hoje: o de estudar em bibliotecas. “Vou morrer com isso. É uma coisa neurótica, autoimposta. Às vezes, passo seis horas por dia lendo numa biblioteca. Comecei na Biblioteca Nacional, migrei para a do Centro Cultural do Banco do Brasil e agora estou na da PUC”, conta.

Enquanto isso, ele já militava no *underground* musical carioca, fazendo *shows* no esquema de voz e violão. Ao completar dez anos de banco, no início da década de 1990, usou a licença prêmio para produzir seu primeiro álbum, *Fora da Grei*. “Enquanto meus colegas de trabalho iam para Miami fazer compras, eu me tranquei no estúdio e gravei um disco.”

Ter um emprego “comum” foi fundamental para sua carreira artística. Graças à estabilidade profissional, Skylab conseguiu produzir música sem precisar se envolver com guetos de artistas que, segundo ele, priorizam laços afetivos e misturam amizade com trabalho. Hoje, aposentado do Banco do Brasil, dedica-se em tempo integral à criação. E idolatra Machado de Assis e João Cabral de Melo Neto. “Machado virou a minha bíblia, o meu Deus. Quanto ao João Cabral, acho que é o maior poeta brasileiro de todos os tempos.”

Questionado sobre a literatura brasileira contemporânea, o músico cita Rubens Figueiredo, Milton Hatoum e Cristovão Tezza como os seus autores



preferidos — exceções, de acordo com ele, num cenário tomado pela influência de escritores *beat* e *pop*. “As experiências que eu tenho com autores mais jovens não são muito boas. Principalmente a partir dos anos 1990, essa corrente que não diferencia a literatura da vida, virou uma praga no Brasil. A escrita como um sopro, como um fluxo de consciência, deve ser apenas um elemento da produção literária. Não pode ser tudo.”

Skylab só alivia a barra do paulista Marcelo Mirisola. Para ele, o autor de *Joana a Contragosto* e *Proibidão*, entre outros, passa uma falsa impressão de que se limita a narrar a própria vida — mas, na verdade, forja um universo bastante particular. “Isso é uma coisa muito sutil e discreta no trabalho dele, que deveria ser lido com mais atenção.”

Com um único livro de poesia publicado, *Debaixo das rodas de um automóvel*, o artista acredita que tem material suficiente para, pelo menos, outros quatro volumes. Sua produção, que também inclui contos, resenhas e ensaios, está disponível no blog [godardcity.blogspot.com](http://godardcity.blogspot.com), frequentemente atualizado. Nada mal para quem se formou intelectualmente aos trancos e barrancos, como ele mesmo diz. “Nunca fui precoce em nada e não acredito em filhinho de músico, filhinho de escritor. Valorizo muito mais as condições adversas”, afirma. ■

“ Machado virou a minha bíblia, o meu Deus. Quanto ao João Cabral, acho que é o maior poeta brasileiro de todos os tempos.”

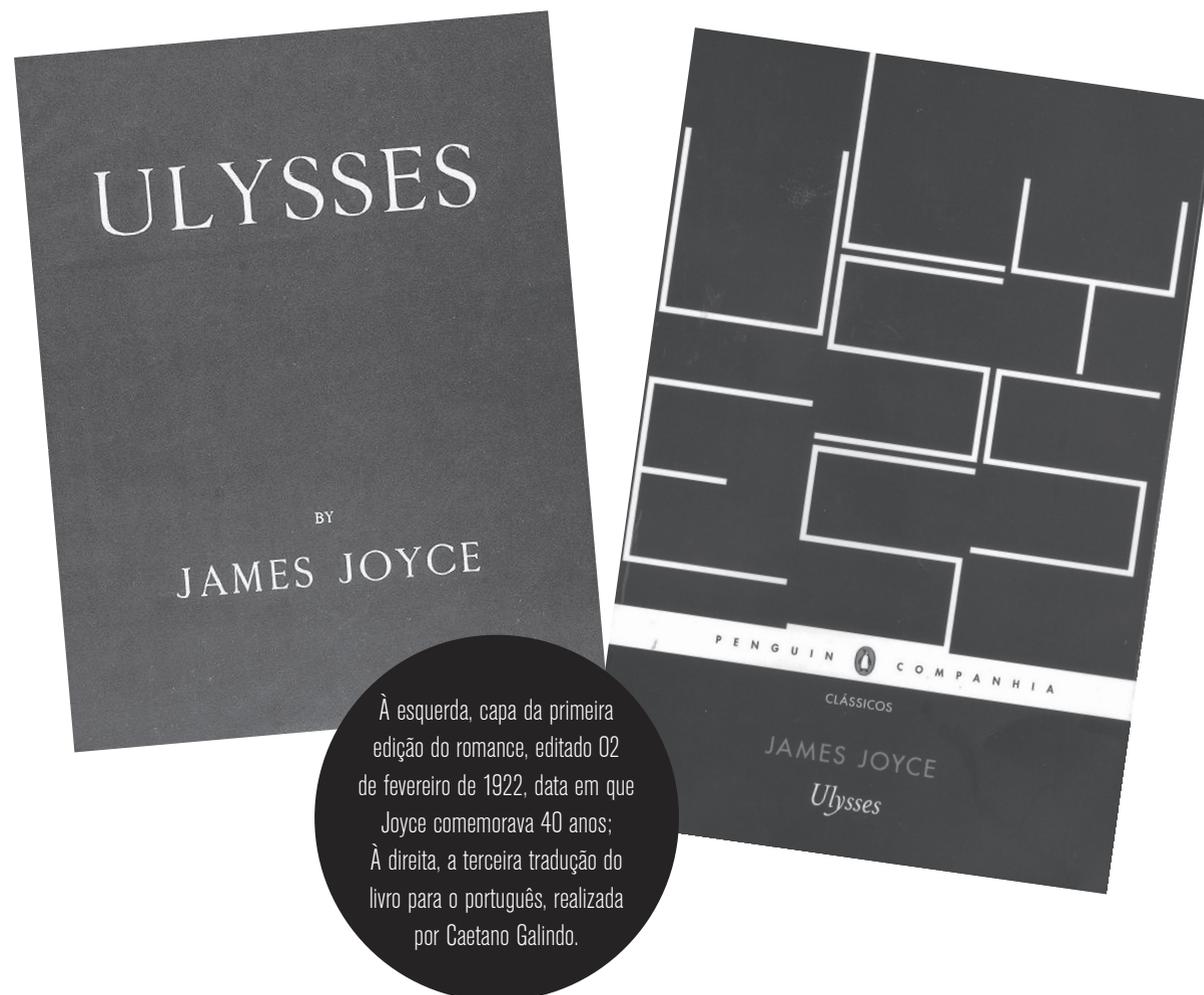
# Odisseia editorial

*Ulysses* nasceu de um conto não incluído em *Dublinenses*, foi construído na cabeça de James Joyce ao longo de uma década e publicado na França por uma americana que nunca havia editado um livro sequer, para, só então, se tornar uma obra-prima de teor revolucionário

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Como uma espécie de feitiço, em que o criador é engolido pela criatura, o romance *Ulysses* apresentou, para James Joyce, uma odisséia particular tão intensa e cheia de percalços quanto a que descreve em sua obra-prima. O livro, foi descrito pela crítica da época como “um romance para acabar com todos os romances”, também quase acabou com a saúde física e financeira de quem esteve envolvido no projeto.

Joyce demorou quase oito anos para publicar o livro, mas o embrião do romance remete ao longínquo ano de 1905, quando aparece a primeira referência ao que viria a ser *Ulysses*, em uma carta do escritor endereçada ao seu irmão.



À esquerda, capa da primeira edição do romance, editado 02 de fevereiro de 1922, data em que Joyce comemorava 40 anos; À direita, a terceira tradução do livro para o português, realizada por Caetano Galindo.

A história inicialmente seria um conto, que Joyce cogitou publicar junto com as outras histórias de *Dublinenses* (1911). O conto descreveria o que ele chamava de “As andanças do senhor Hunter”, que se baseava em um fato biográfico — como quase tudo que o Joyce escreveu —, em que, após uma noite de bebedeira, o escritor é abandonado pelos amigos, caído no chão, e então socorrido por um amigo de seu pai, chamado Hunter. “O esqueleto do que viria a ser *Ulysses* já estava lá. Mas, com o fato de que ele ficou muito ocupado tentando publicar o *Dublinenses* e terminar o *Re-*

*trato de um artista quando jovem* (1913), a história ficou parada por quase uma década”, explica Caetano Galindo, responsável pela terceira tradução de *Ulysses* no Brasil, lançada neste ano.

Tal como tinha pensado a sinopse de seu conto, *Ulysses* se desenrola em um único dia, 16 de junho de 1904, transpondo para a Dublin moderna os personagens e incidentes da *Odisseia*, de Homero. Para isso, utiliza-se do fluxo de consciência, da paródia, de piadas e de uma gama imensa de técnicas literárias. O enredo aparentemente simples — descrever um dia na vida de Leopold Bloom, o per-

sonagem central do romance — é apenas o mote para uma aventura literária de cunho existencialista que vai se desdobrando em uma variedade absurda de episódios até o final do romance.

Joyce postergou o início da escrita de *Ulysses* até 1914, quando já havia editado seus dois primeiros trabalhos em prosa, *Dublinenses* e *Retrato de um artista quando jovem* (1913). Neste ano, enfim, retoma a ideia que teve quase uma década antes e começa a escrever o romance que se tornaria um marco da literatura do século XX. Depois de um período perambulando pela Itália e Suíça, onde lecionou inglês na prestigiosa Berlitz School, Joyce parte para Paris, em 1920, onde tem contato com os intelectuais americanos e ingleses exilados na França. É quando sua mecenas Harriet Weaver apresenta-lhe Sylvia Beach, jovem livreira americana dona da Shakespeare and Company, que teria papel decisivo na edição de *Ulysses*.

Depois de trechos do romance serem publicados em duas revistas, sendo a principal delas *The Little Review*, de Nova York, *Ulysses* é considerado obscuro e proibido nos Estados Unidos. “Desanimado, Joyce perde a esperança de ver *Ulysses* publicado nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Abatido, confessa a Sylvia: ‘Ulysses jamais será publicado’”, escreve Jean-Paul Caracalla em *Os exilados de Montparnasse*, livro que retrata a geração de intelectuais que ocupou a famosa área parisiense entre as décadas de 1920 e 1940.

“Joyce conhece Sylvia em um momento de desespero, pois ninguém queria publicar *Ulysses*. Muito por questões editoriais, mas principalmente por medo de processo, pois o livro era considerado obscuro. Outro agravante era que Joyce retratava pessoas de Dublin, que tinham receio da publicação”, explica Galindo.



Ford Madox Ford, James Joyce, Ezra Pound e John Quinn em Paris, em 1923, pouco depois da publicação de *Ulysses*.

### Atormentando Sylvia

Sem nenhuma experiência editorial, Sylvia Beach passaria meses de verdadeiro calvário até a edição definitiva do livro, em 1922. Aos poucos, Joyce toma posse da Shakespeare and Company, incrustando-se cada dia mais, segundo a própria Sylvia, para se tornar um verdadeiro “carrapato”.

Enquanto Joyce ainda escrevia e reescrevia seu romance, decidiu-se pela publicação de três edições distintas do livro: a primeira, de cem exemplares em papel Holanda, assinadas pelo autor ao preço de 350 francos; a segunda, de 150 exemplares em Vergé d’Arches, por 250 francos; o restante, ou seja, 750 exemplares, em papel tradicional, a 150 fran-

cos. O salgado preço era justificado pela editora da seguinte forma: “Levando-se em conta os sete anos que Joyce dedicou ao livro, e sua perda de visão, isso não me parece caro”.

Para dar contornos ainda mais épicos à edição do livro, o impressor do manuscrito, Maurice Darantière, não falava uma palavra em inglês e tinha extrema dificuldade para entender as alterações feitas de última hora por Joyce no manuscrito do livro. O que contribuiu de forma decisiva para a edição cheia de erros que veio à tona em 1922.

Para tentar amenizar o problema da letra de Joyce, copistas eram recrutadas para deixar legível os garranchos do escritor. Mas muitas, diante da mo-

## MAKING OF | ULYSSES

numental tarefa, sucumbiram: nove desistiram de bater o famoso capítulo de “Circe”. A mulher de um funcionário da embaixada da Inglaterra provavelmente teria conseguido se o marido, chocando-se ao ler por cima do ombro da esposa o texto que datilografava, não tivesse jogado ao fogo as páginas do manuscrito.

“Cada vez que Joyce passava a limpo uma lauda, ele a rasurava. Por isso não é possível resolver todos os erros do livro, porque não temos manuscritos confiáveis. Alguns episódios têm três manuscritos. Não existe um texto contínuo, único, revisado. O que temos é a versão da edição de 1922”, diz Galindo. O tradutor lembra que Joyce mesmo vendia páginas separadas do livro ao advogado americano John Quinn, como forma de obter alguma renda enquanto escrevia o romance, o que certamente contribuiu para que o livro não tivesse uma versão “definitiva”. Some-se a isso o fato de que o livro passou por sete revisões a partir da entrega aos editores até a efetiva publicação. O livro cresceu em 40% e foi revisado até a última hora, dois dias antes de ser impresso.

À medida que o trabalho de Darantière ia progredindo, Joyce foi ficando cada vez mais exigente em seus pedidos à sua editora, que àquela altura temia pela saúde financeira de sua livraria, pois um fracasso na edição de *Ulysses* poderia significar o fim de seu pequeno comércio. Uma das reivindicações de Joyce se referia à cor do livro. Ele exigiu que a capa do romance fosse da cor da bandeira da Grécia. Nenhum outro tom de azul — mais claro ou escuro — o satisfazia. Diante da impossibilidade de

achar a mesma tonalidade, Darantière teve que litografar o azul sobre cartolina branca para chegar a um resultado que agradasse o escritor.

Joyce também exigiu que o romance chagasse às livrarias no dia de seu aniversário de 40 anos, em 2 de fevereiro de 1922, fato que ajudou a incrementar a mística em torno do romance. Os mil exemplares da primeira tiragem foram insuficientes para atender a demanda e, em outubro de 1922, outros dois mil exemplares foram impressos, desta vez sob a responsabilidade do editor e escritor John Rodker que, diante da impossibilidade de corrigir os erros tipográficos da primeira versão, acrescenta ao livro uma errata. Vendido a 2,2 dólares o exemplar, a edição logo se esgota, porém, nos principais mercados de língua inglesa, Estados Unidos e Inglaterra, o livro só seria publicado em 1933.

Apesar de *Ulysses* conservar uma mística grande, o romance era visto com ressalvas por parte da crítica e do público, o que só viria a mudar nos fins dos anos 1960. “O estatuto de clássico absoluto de *Ulysses* só existe depois da edição da Penguin, em 1969. Antes disso, a imagem de *Ulysses* era do livro obscuro ou obsceno. O livro teve importância, mas era apenas uma lenda. Só teve esse impacto, um livro que todos leram, depois de 1969”, explica Galindo.

Após o périplo em torno de *Ulysses*, Joyce empreenderia outra empreitada hercúlea, desprendendo 17 anos de sua vida na confecção de *Finnegans wake*. Mas aí é outra história. ■



James Joyce, autor de *Ulysses*, que demorou quase oito anos para publicá-lo.

“ Uma das reivindicações de Joyce se referia à cor do livro. Ele exigiu que a capa do romance fosse da cor da bandeira da Grécia.”

## Benin menino

Meu menino Benin  
 Que não cresce jamais  
 Nos olhos de cativoiro  
 O reflexo de um cais  
 Sempre em movimento  
 A onda soprada pelo vento  
 Que leva e traz  
 Alegrias e tristezas  
 Como se a maré fosse feita  
 Não de correntezas  
 Mas de correntes.

\*\*\*

O Benin é um menino sadio  
 Coberto de lama por seus ancestrais.

\*\*\*

A força centrífuga dos rinocerontes,  
 A sabedoria explícita dos elefantes,  
 A leveza dos peixes na boca cheia de dentes,  
 A inocência das cabras pastando ao léu.  
 Assim é o Benin menino,  
 Gasolina e mel  
 Na beira de uma estrada  
 Que dá sempre no mesmo lugar:  
 O céu, o mar.

\*\*\*

Quando eu crescer  
 Quero ser como o Benin menino:  
 Andar de mãos dadas  
 Sem parecer feminino.

\*\*\*

O menino Benin tem o dobro da minha idade  
 Mas, se um dia ele crescer,  
 há de  
 Ser por milagre,  
 Pois, se pudesse escolher,  
 Que vinho virava vinagre?



\*\*\*

Nada é de graça nesse mundo  
 Nem o sorriso do menino Benin  
 Trocava meu tambu e meu tantan parlan  
 Por um sorriso assim

\*\*\*

De que vale ser rei  
 Se não há lei que faça  
 Crescer barba no Benin menino?  
 Seu reinado é uma farsa  
 Como uma igreja sem sino.

\*\*\*

A menina Benin  
 Em sua infinita graça  
 Exibe elegância na poeirenta estrada  
 Como se estivesse desfilando  
 Numa passarela de Paris.  
 Mas na cabeça nada de sonhos:  
 Apenas bananas e abacaxis.

\*\*\*

De quantas mãos você precisa,  
 Menino Benin?  
 A mais gorda para cuidar da cozinha,  
 A mais feia para varrer a casa.  
 Aquela, tão bonita, canta e dança no terreiro,  
 Onde a magrela sopra a brasa.  
 A mais nova vende na feira  
 Ou na beira da estrada  
 O peixe e o camarão  
 Que a irmã pescou  
 Na lagoa encantada.  
 As mães do menino Benin  
 São tão parecidas  
 No jeito de vestir, na maneira de andar.  
 Nasceram para gerar as mesmas vidas,  
 Muitas vezes.  
 Os séculos parecem meses  
 Que passaram sem passar.

\*\*\*

Ai de mim, menino Benin,  
 Que só tenho a fala do colonizador.  
 Fon, gun, mina, ioruba e mais de cem:  
 Enquanto tiver tanta língua,  
 Você jamais morrerá à míngua,  
 Nunca será um zé-ninguém.

\*\*\*

O menino Benin é uma estrada sem fim  
 Que liga o presente ao passado.  
 O futuro, quando chegar,  
 Será um furo de reportagem.



# RETRATO DE UM ARTISTA

## JACK KEROUAC

Por Iuri de Sá

Jack Kerouac nasceu em Lowell, EUA, em 12 de março de 1922. Filho de pais franco-canadenses, só aprendeu a língua inglesa depois dos 6 anos. De caráter complexo e rebelde, Kerouac abandonou a Universidade de Columbia para servir na Marinha Mercante. Kerouac escreveu seu primeiro romance, *Cidade pequena, cidade grande*, enquanto viajava pelos Estados Unidos. Essas viagens também são tema de sua obra mais famosa, *On the road*, que, diz a lenda, foi escrita em três semanas de abril de 1951. Kerouac adotou um método de escrita inovador, renunciando aos modelos tradicionais em favor de um ritmo espontâneo. Juntamente com Allen Ginsberg e William S. Burroughs é um dos principais expoentes da literatura beat, que buscava um novo modo de ver e entender o mundo por meio da literatura. Outras obras do escritor são *Os subterrâneos* e *Os vagabundos Iluminados*. Kerouac morreu em 21 de outubro de 1969. *On the road* foi adaptado este ano para o cinema pelo diretor brasileiro Walter Salles.

Iuri de Sá é artista visual e estudante da Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Vive em Curitiba (PR).

